



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH I  
COLEGIADO DE TURISMO E HOTELARIA**

**AILA CONCEIÇÃO DE SANTANA**

**A POSSIBILIDADE DA REVITALIZAÇÃO TURÍSTICA DA LAGOA DO  
ABAETÉ EM SALVADOR, BAHIA:**

Discussão sobre o papel do grupo “As Ganhadeiras de Itapuã”.

**SALVADOR**

**2022**

AILA CONCEIÇÃO DE SANTANA

**A POSSIBILIDADE DA REVITALIZAÇÃO TURÍSTICA DA LAGOA DO ABAETÉ  
EM SALVADOR, BAHIA:**

Discussão sobre o papel do grupo “As Ganhadeiras de Itapuã”.

Trabalho de conclusão de curso apresentado em forma de monografia à banca examinadora do colegiado de Turismo e Hotelaria, do Departamento de Ciências Humanas I da UNEB, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel do referido curso.

Orientação: Carmen Lima.

SALVADOR

2022

AILA CONCEIÇÃO DE SANTANA

**A POSSIBILIDADE DA REVITALIZAÇÃO TURÍSTICA DA LAGOA DO ABAETÉ  
EM SALVADOR, BAHIA:**

Discussão sobre o papel do grupo “As Ganhadeiras de Itapuã”.

Trabalho de conclusão de curso apresentado em forma de monografia à banca examinadora do colegiado de Turismo e Hotelaria, do Departamento de Ciências Humanas I da UNEB, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel do referido curso.

Orientação: Carmen Lima.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Carmen Lúcia Castro Lima – UNEB

Doutora em Cultura e Sociedade (UFBA)

---

Prof. Natália Silva Coimbra de Sá – UNEB

Doutora em Cultura e Sociedade (UFBA)

---

Prof. Lúcia Maria Aquino de Queiroz – UFRB

Doutora em Planificação Territorial Desenvolvimento Regional  
(Universidade de Barcelona)

SALVADOR

2022

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Deus por me permitir chegar até aqui, apesar de todo medo e insegurança. Por ter me sustentado, me dando força, paciência e sabedoria, mesmo quando eu realmente acreditei que não iria conseguir.

Aos meus pais e irmã pela força e incentivo de sempre e ao meu cachorrinho por estar comigo em pensamento e energia. Ao meu companheiro por sempre me dizer as seguintes quatro palavras a todo momento: vai dar tudo certo.

A toda a equipe do grupo “As Ganhadeiras de Itapuã”, em especial o produtor artístico delas, o Salviano, por toda a disponibilidade e boa vontade em ajudar com tudo que foi necessário. A ganhadeira Teresa Conceição, também. Suas palavras de certeza, onde me dizia com toda a sua fé que o seu orixá estava lhe dizendo que eu iria conseguir, ecoaram na minha cabeça toda vez em que eu sentia medo e dúvida.

A minha orientadora, Carmen Lima, por ter acreditado no meu trabalho desde o início e por ter entrado nessa jornada comigo.

A todos os outros professores que me deram dicas e prestaram sua disponibilidade para me auxiliar em algum momento, o meu muito obrigada também. José Veiga e Rosali Fernandes principalmente. Obrigada!

E, gostaria de agradecer muitíssimo a mim. Durante todo esse processo muitas vezes me senti sozinha, sobrecarregada e desesperada. Mesmo assim eu me recompunha em silêncio, acalmava a minha ansiedade e seguia o meu lento e constante caminho. Eu agradeço a mim por ter sido a minha própria fonte de força. Eu tenho muito orgulho de mim.

## RESUMO

Conhecida por sua áurea misteriosa e encantadora, pela natural beleza, de água escura, alvíssima areia e grandiosas dunas que despertam deslumbramento, pelo seu território gigantesco, pelo sincretismo religioso que a circunda e a torna sagrada. Por ter sido berço de tradições e importantes manifestações culturais, inspirando criações de músicas, poemas e demais demonstrações artísticas, a Lagoa do Abaeté está situada no bairro de Itapuã na cidade de Salvador, no estado da Bahia e no Brasil. Respeitada pela sua imensidão religiosa, é tida como a morada da divindade Oxum. Esse trabalho busca estudar a viabilidade da reestruturação e revitalização turística da Lagoa do Abaeté na cidade de Salvador, Bahia, tendo como principal foco o grupo musical “As Ganhadeiras de Itapuã” e a sua atuação, influência histórica, cultural e turística para a localidade. Grupo que nasceu em Itapuã e inspira-se no Abaeté. Este leva para o Brasil, por intermédio do samba de mar aberto, a história e vivência antiga desses lugares e da vida de ganho que diversas mulheres escravizadas tinham antigamente na localidade. Dessa forma, a metodologia do trabalho consiste em sua natureza a pesquisa básica, enquanto o método de abordagem foi utilizado o método dedutivo. Os métodos de procedimento utilizados foram três sendo eles o histórico, o qualitativo e o estudo de caso. Sendo então concluído que existem dezenas de entraves que acabam limitando a revitalização turística da Lagoa do Abaeté apenas utilizando como alicerce a atuação do grupo.

Palavras-chave: Lagoa do Abaeté. “As Ganhadeiras de Itapuã”. Itapuã. Cultura. Revitalização.

## ABSTRACT

Known for his mysterious and enchanting aura, for his natural beauty, dark water, white sand, and grandiose dunes that arouse enchantment, for his gigantic territory, for the religious syncretism that surrounds it and makes it sacred. For being the cradle of traditions and important cultural manifestations, inspiring creations of songs, poems and other artistic demonstrations, Lagoa do Abaeté is in the Itapuã neighborhood in the city of Salvador, in the state of Bahia and in Brazil. Respected for his religious immensity, it is considered the abode of the deity Oxum. This work seeks to study the feasibility of restructuring and touristic revitalization of Lagoa do Abaeté in the city of Salvador, Bahia, having as main focus the musical group "As Ganhadeiras de Itapuã" and its performance, historical, cultural and tourist influence for the locality. The group was born in Itapuã and inspired by Abaeté, takes to the whole Brazil, through the samba of open sea, the history and ancient experience of these places and the life of gain that several enslaved women had in the locality. In this way, the methodology of the work consists in his nature of basic research, while the method of approach was used the deductive method. The procedure methods used were three, being the historical, the qualitative and the case study. It is then concluded that there are dozens of obstacles that end up limiting the tourist revitalization of Lagoa do Abaeté only using the group's performance as a foundation.

Keywords: Lagoa do Abaeté. "As Ganhadeiras de Itapuã". Itapuã. Culture. Revitalization.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Localização da Lagoa do Abaeté .....	31
Figura 2- A Lagoa do Abaeté .....	33
Figura 3- “As Ganhadeiras de Itapuã” .....	41

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

APA – Área de Proteção Ambiental

EMBASA – Empresa Baiana de Águas e Saneamento

INEMA – Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos

PDDU – Plano Diretor

PPA – Plano Plurianual

SAVAM – Sistema de Áreas de Valor Ambiental e Cultural

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2 CULTURA COMO INSTRUMENTO DE REVITALIZAÇÃO TURÍSTICA</b> .....	14
2.1 CONCEITOS DE CULTURA, IDENTIDADE E PERTENCIMENTO .....	14
2.2 CULTURA COMO RECURSO .....	16
2.3 CULTURA E REVITALIZAÇÃO URBANA: ALGUNS EXEMPLOS.....	21
<b>3 A LAGOA DO ABAETÉ: HISTÓRIA E CARACTERÍSTICAS ATUAIS</b> .....	26
3.1 HISTÓRICO DO ABAETÉ .....	26
3.2 ATUAIS CARACTERÍSTICAS FÍSICAS DA LAGOA DO ABAETÉ .....	30
3.3 OS ASPECTOS CULTURAIS, SIMBÓLICOS E TURÍSTICOS DA LAGOA: O OLHAR DA COMUNIDADE.....	32
<b>4 POLITICAS PÚBLICAS PARA O ABAETÉ: PLANO DIRETOR, PLANO PLURIANUAL, PLANO ESTRATÉGICO DE SALVADOR E PLANO SALVADOR 500</b> .....	36
4.1 PDDU – PLANO DIRETOR.....	36
4.2 PPA – PLANO PLURIANUAL, O PLANO ESTRATÉGICO DE SALVADOR E PLANO SALVADOR 500.....	38
<b>5 “AS GANHADEIRAS DE ITAPUÃ”: A CULTURA E O GRUPO</b> .....	40
5.1 HISTÓRIA E SIGNIFICADO DO GRUPO .....	40
5.2 IMPORTÂNCIA CULTURAL, PREMIAÇÕES E DESAFIOS ENFRENTADOS PELO GRUPO.....	43
5.3 AS INTEGRANTES: ANCESTRALIDADE E COTIDIANO.....	47
<b>6 RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO</b> .....	50
6.1 SITUAÇÃO DO ABAETÉ: MUITO TRISTE .....	51
6.2 AS CAUSAS: QUESTÕES POLÍTICAS .....	53
6.3 PROVÁVEIS SOLUÇÕES: COMUNIDADE E INVESTIMENTO .....	55
6.4 CULTURA E TURISMO: FUNDAMENTAIS .....	56
<b>7 CONCLUSÃO</b> .....	59
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	61
<b>APÊNDICE 1</b> .....	66

## 1 INTRODUÇÃO

A Lagoa do Abaeté está situada no bairro de Itapuã e integra parte de um complexo hídrico composto por outras lagoas sendo, desde 1987, parte da Área de Proteção Ambiental (APA) das Lagoas e Dunas do Abaeté, zona que abrange cerca de 1.800 hectares (GANHADEIRAS, 2021). Local histórico de grande influência cultural, religiosa, turística e econômica, possuído de beleza e riqueza natural inigualável, com o passar dos anos acabou sendo vítima de uma série de violências que mudaram o cenário da Abaeté tranquila para passar a tarde com a família.

Berço de manifestações culturais como tradicionais rodas de capoeira, sede do grupo afro Malê Debalê e responsável pela inspiração e pelo início do grupo “As Ganhadeiras de Itapuã”, a Lagoa do Abaeté atuou como um motor para a movimentação econômica local auxiliando muitos nativos a construir suas vidas e alimentar suas famílias através do comércio que costumeiramente era intenso aos finais de semana devido a grande visitação de turistas e moradores locais que se deslocavam até a lagoa para almoçar, tomar cerveja com amigos, passear com seus parceiros, levar as crianças para brincar ou simplesmente para apreciar o estonteante encanto da junção das águas negras com a areia branca.

É ainda lugar extremamente simbólico para as religiões de matriz africana, pois com suas águas escuras, também é vista como um portal para o sagrado. É morada de Oxum, divindade feminina da água doce, que representa a riqueza, o amor e a fertilidade (GANHADEIRAS, 2021).

Devido a especulação imobiliária e ao aumento do índice de violência no bairro de Itapuã e nas redondezas da lagoa, o Abaeté foi deixando de ser visitado e o lugar, que era tão bem cuidado e cheio de luz, foi passando a ser entregue ao abandono. Fato que nunca agradou os nativos do bairro, como as integrantes do grupo “As Ganhadeiras de Itapuã”. Este, criado em 2004, é composto por senhoras, jovens, adultas, produtores e banda, são moradores de Itapuã e mostraram para o Brasil e para o mundo as características singulares da Lagoa do Abaeté e da Itapuã antiga através das histórias cantadas e dançadas por meio do samba de mar aberto.

Com o apresentado contexto, delimitou-se o seguinte problema: Seria possível revitalizar turisticamente a Lagoa do Abaeté utilizando como alicerce o papel do grupo “As Ganhadeiras de Itapuã”? Válido ressaltar que será abrangido apenas a revitalização turística do local e não outros tipos de revitalização, ainda que

igualmente relevantes e necessários não fazem parte da linha de pesquisa dessa monografia.

Dessa forma, o objetivo geral desse trabalho de conclusão de curso é estudar a viabilidade da reestruturação e revitalização turística da Lagoa do Abaeté na cidade de Salvador, Bahia, tendo como principal foco o grupo musical “As Ganhadeiras de Itapuã”. Foram considerados a sua visibilidade nacional e internacional e sua influência histórica, cultural e turística para a localidade.

Ainda, esse trabalho justifica-se socialmente pela razão de que esse tema não é amplamente discutido, sobretudo pelos poderes públicos, além do entendimento de que é importante falar sobre esse local que já foi tão fundamental, em diversos níveis, para a comunidade é deveras urgente, ainda mais utilizando como referência e inspiração o meritório grupo previamente citado, entendendo que os nativos precisam sentir-se pertencentes novamente.

A metodologia usada para realização da presente monografia foi determinante para o desenvolvimento da pesquisa, pois esta é importante para estruturar a linha de pensamento e a maneira de organização empregada no trabalho. A pesquisa é básica pois objetiva gerar novos conhecimentos e envolve verdades e interesses universais (GIL, 2007). Quanto ao método de abordagem foi utilizado o método dedutivo. Esse método constitui-se num encadeamento de duas ou mais premissas que geram uma conclusão (SANTOS; PARRA FILHO, 2017).

O método dedutivo foi usado, pois para se chegar a uma conclusão a partida será dada através de um panorama geral, o tema não será imediatamente abordado, será realizada uma contextualização dos termos que necessitam de entendimento até chegarmos no ponto principal, perpassando pelos conceitos de cultura, por todo o histórico da Lagoa do Abaeté e do grupo “As Ganhadeiras de Itapuã”.

Quanto aos métodos de procedimento foram utilizados três. O histórico, pois, como sugere o nome, foi necessário entender a história da Lagoa do Abaeté e do grupo cultural pesquisado. O método histórico “consiste em investigar os acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar sua influência na sociedade de hoje” (ANDRADE, 2003, p. 133).

O método qualitativo, que de acordo com Lakatos e Marconi (2003, p. 187), pressupõe uma análise e interpretação de aspectos mais profundos da complexidade do comportamento humano além de fornecer uma análise mais detalhada sobre investigações, hábitos, atitudes e tendências de comportamentos, foi necessário

porque através deste foi desenvolvido uma entrevista em que foram ouvidas partes importantes para a monografia, sendo essas partes: Integrantes do grupo e nativos do bairro de Itapuã e do Abaeté.

O método qualitativo foi aplicado através da entrevista elaborada e realizada em pesquisa de campo, pesquisa que segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 186), é utilizada com o intuito de captar informações, dados e conhecimentos sobre algum problema, em que se procura uma resposta, ou de alguma hipótese que se queira comprovar. Essa pesquisa foi de suma valia para auxiliar o processo da discussão sobre a possibilidade da revitalização turística da Lagoa do Abaeté utilizando como alicerce o grupo “As Ganhadeiras de Itapuã”.

Sendo imprescindível para a realização dessa monografia, foi dessa maneira que foi possível entender a visão dessas partes contribuintes para o estudo, de forma que veio a auxiliar a conclusão e as reflexões acerca do presente tema. As quatro perguntas respondidas por sete pessoas no total, foram criadas pela autora da monografia com auxílio da orientadora sendo a pesquisa de campo e a aplicação dessas perguntas realizada apenas pela autora.

Houve alguns critérios para a escolha dos sete entrevistados, sendo três integrantes do grupo “As Ganhadeiras de Itapuã” e quatro moradores do bairro de Itapuã e das redondezas da Lagoa do Abaeté. Com relação aos integrantes do grupo, foi entrevistado o diretor e produtor artístico Salviano Almeida Filho, o diretor musical Amadeu Alves e a ganhadeira Verônica Raquel Mucuna. Para estes, o principal critério foi trazer aqueles que participam do grupo desde a formação inicial, tanto na linha de frente quando nos bastidores. No que tange os moradores locais, foram entrevistados o Antônio Carlos Oliveira de Santana, a Eunice Santiano, Juliana Santos e Daniele Souza e para estes o principal critério foi o tempo que eles tem morando no bairro.

Inicialmente era pretendido entrevistar, também, entidades governamentais, estaduais e da prefeitura, para a coleta de dados e até mesmo de opiniões e posicionamentos desses profissionais, mas infelizmente não foi obtido êxito ao tentar contato com essas pessoas. Dessa maneira, fez-se necessária a alteração da metodologia pretendida para esse momento em prol de conseguir as informações relacionadas ao planejamento para a Lagoa do Abaeté, coletando esses dados através dos documentos citados para o quarto capítulo. Foi utilizado o filtro de

pesquisa em que foram buscadas as palavra-chave “Itapuã”, “Abaeté” e “Lagoa do Abaeté” afim de verificar o que seria encontrado.

Finalmente, também relacionado aos métodos de procedimento, o estudo de caso também foi fundamental, pelos mesmos motivos acima discorridos. De acordo com Goode e Hatt (1979, p. 421-422) o estudo de caso é um método de olhar para a realidade social. “Não é uma técnica específica, é um meio de organizar dados sociais preservando o caráter unitário do objeto social estudado”.

O presente trabalho monográfico divide-se estruturalmente em sete capítulos, incluindo a introdução. No segundo capítulo, observando que o primeiro é a introdução, será abordada a cultura como um instrumento de revitalização urbana e turística, subdividindo-se em três seções. Na primeira seção será apresentada uma discussão sobre os conceitos de cultura, identidade e pertencimento, em seguida na segunda seção será visto o entendimento da cultura como recurso, de acordo com o escritor George Yúdice, e a última seção desse capítulo trará exemplos reais, internacionais e nacional, da cultura sendo um agente de revitalização urbana.

Aqui, abre-se um parêntese para salientar que o exemplo nacional será referente a Instituição Pracatum, porém destaca-se nesse momento introdutório que esse único exemplo nacional dado não tem como intuito tornar a monografia um estudo comparativo, o enfoque nessa etapa será dada a Instituição devido a esta ser uma aplicação prática da utilização da cultura como recurso e da economia criativa em ação, ou seja, para tornar sabido ao leitor como funcionam esses temas na realidade, nacional e localmente falando.

O terceiro capítulo explanará a história e as características atuais da Lagoa do Abaeté, também sendo dividido em três momentos. O primeiro proporcionará ao leitor o entendimento do histórico geral do Abaeté, em seguida no segundo momento, a autora aborda as atuais características físicas da lagoa para que assim, finalmente, apresente o olhar da comunidade para os aspectos culturais, simbólicos e turísticos da lagoa. No quarto capítulo será desenvolvida uma apresentação do que há referente ao planejamento urbano do Abaeté, utilizando como referência o PDDU (Plano Diretor), o PPA (Plano Plurianual), o Plano Estratégico de Salvador e o Plano Salvador 500.

É no quinto capítulo que serão apresentadas “As Ganhadeiras de Itapuã” ao leitor. Fracionado em três partes, a primeira dará enfoque a história e ao significado do grupo, a segunda parte dialogará a respeito da importância cultural das

ganhadeiras, das premiações e dos desafios enfrentados pelo grupo para que dessa forma, na última parte o leitor possa ativar seu imaginário e conhecer os detalhes de algumas das integrantes do grupo no cotidiano, conhecendo um pouco das suas vidas e características físicas.

Conhecendo o conceito de cultura e sua aplicação em casos reais sendo utilizada como recurso, em seguida conhecendo a história do Abaeté, as problemáticas que enfrenta e o tratamento que recebe dos planejamentos governamentais, logo chegando a saber quem são “As Ganhadeiras de Itapuã”, a autora apresenta no sexto capítulo a pesquisa de campo que realizou com integrantes do grupo e com moradores nativos do bairro, para que finalmente seja entregue a conclusão onde as discussões são relacionadas e a resposta para a problemática e objetivo geral do trabalho é apresentada.

## 2 CULTURA COMO INSTRUMENTO DE REVITALIZAÇÃO TURÍSTICA

O entendimento de cultura, da sua importância, influência na vida das pessoas e de sua relevância, provoca um histórico e extenso debate. A cultura contribui e faz parte direta da formação de seres humanos, de comportamentos, da criação de serviços diversos e, dentre uma infinidade de outros fatores, a cultura é indissociável a sociedade como um todo. Em tudo a cultura reflete e está presente, apesar da complexidade que possui. A cultura pode, ainda, ser um poderoso instrumento de transformação.

Nesse capítulo, serão vistos conceitos de cultura, logo após será abordado a ideia da cultura como um recurso utilizando como referência a visão do escritor George Yúdice, e por fim, veremos casos em que a cultura serviu como um alicerce para revitalização de áreas urbanas e turísticas. Neste momento da pesquisa, será destacado o caso particular do Pracatum. Esse destaque se dará pois através deste é possível observar na prática, e com semelhanças ao grupo estudado no presente trabalho, o processo da utilização da cultura como instrumento de renovação, para que assim, ao decorrer desta monografia seja possível ao leitor compreender a proposta da possibilidade da revitalização turística da Lagoa do Abaeté através do papel do grupo “As Ganhadeiras de Itapuã”.

### 2.1 CONCEITOS DE CULTURA, IDENTIDADE E PERTENCIMENTO

Historicamente presente na vida dos indivíduos e de tudo que perpassa por essa respectiva vida, a cultura é indissociável a humanidade. Sua complexidade desperta curiosidade e encantamento, mas muitas vezes justamente devido a essa profundidade e dificuldade de conceituação, esta pode acabar gerando impasses e interpretações errôneas do seu emprego em determinadas situações. A cultura está diretamente ligada a identidade e ao sentimento de pertencimento. Dessa maneira, para tentar compreender o que é a cultura, veremos a seguir alguns conceitos de estudiosos do tema e assim explicitar o confronto de informações e ao mesmo tempo perceber que a riqueza da cultura acaba sendo conceituada com palavras e termos diferentes, mas que, muitas vezes, querem dizer a mesma coisa.

Sobre a dificuldade de definir a cultura, Canedo (2009, p. 1) disserta que ela evoca interesses multidisciplinares, sendo estudada em áreas como sociologia,

antropologia, história, comunicação, administração, economia, entre outras e cada uma dessas áreas, trabalha a cultura a partir de distintos enfoques e usos. Essa dificuldade destacada pela autora pode ser observada no cotidiano, onde cada área da ciência trata o mesmo assunto de maneiras dispares e com focos variantes, tudo de acordo com o seu campo de interesse e isso se dá devido aos interesses culturais que cada uma das pessoas possui de acordo com a sua formação histórica.

Para Laraia (2003, p. 58), cultura também é difícil de conceituar, mas ele entende que a cultura seria uma espécie de guia de comportamento em cada sociedade, sendo a cultura o início de tudo. Ela determinaria como nos vestimos, o que é considerado adequado ou não em uma sociedade, como nos comportamos em relação aos demais, ou seja, nossas ações seriam mediadas por aquilo que recebemos através da socialização. Ainda, Oliveira e Alves (2015, p.10) destacam que Laraia acredita que é graças à cultura que o ser humano alcançou seu apogeu sob vários aspectos do meio ambiente, que enquanto outros animais tinham que modificar suas estruturas físicas para se adaptarem a diferentes ambientes, o homem utilizou a cultura para superar as adversidades, em outras palavras, começou a fazer vestimentas com peles de animais para superar o frio, criou ferramentas para melhorar sua caça, entre outros. Ou seja, o autor traz o entendimento de que a cultura é início e norteia o meio da vida, determinando comportamentos e ações pioneiras do ser humano.

Já Sachs (2005, p. 11) acredita que “cultura é um conceito holístico, e no seu bojo surgem culturas particulares”, deixando aberto uma possibilidade gigantesca de interpretação para cultura, abrindo um grande leque sem verdadeiramente conceituar o que seria esse conceito holístico ou até mesmo como seriam essas outras culturas particulares. Ele só atesta ainda mais a dificuldade dessa conceituação, porém não é apenas ele que passa essa sensação. Santos (1994, p. 45), no seu entendimento, diz que cada cultura é um produto de uma história em específico, implicando também a interação com outras culturas que podem ter elementos bem distintos. Se cada história em específico já é muito, em interação com outras culturas provenientes de ainda mais histórias é de fato um universo. Por esse, entre outros, motivo a cultura é tão rica, porque ela é diversa numa dimensão inimaginável.

O conceito a seguir além de ser igualmente interessante, também remetendo ao entendimento da complexidade da cultura, traz também a sua relação com a

identidade e com o sentimento de pertencimento principalmente ao citar as palavras memória e lugar etc:

A cultura não é unicamente aquilo de que vivemos. Ela também é, em grande medida, aquilo para o que vivemos. Afeto, relacionamento, memória, parentesco, lugar, comunidade, satisfação emocional, prazer intelectual, um sentido de significado último (EAGLETON, 2005, p.184).

Eagleton (2005, p.184) fala, conforme visto acima, de questões e sentimentos que estão presentes no conceito de identidade também. Ciampa (1987, p. 61-74), entende identidade como uma verdadeira metamorfose, algo que está sempre em constante transformação, sendo então um resultado provisório da intersecção entre a história da pessoa, seu contexto histórico e social e seus projetos, contribuindo ainda que a identidade tem caráter dinâmico e seu movimento pressupõe uma personagem, personagem, que é a vivência pessoal de um papel previamente padronizado pela cultura.

Dessa forma, nota-se que cultura de fato está diretamente associada a identidade. Não apenas com a identidade, mas com pertencimento, como pode ser visto a seguir de acordo com o próximo conceito de pertencimento apresentado:

Diga-se que pertencimento é a crença subjetiva numa origem comum que une distintos indivíduos que pensam em si mesmos como membros de uma coletividade na qual símbolos [bandeiras, hinos, patrimônios históricos etc.] expressam valores, medos e aspirações (...). O sentimento de pertencimento, assim, carrega consigo acolhimento, oferece identidade coletiva, reforça o eu individual e o equilíbrio psíquico (SOUSA, 2021, p 1).

Algumas palavras ou significados implícitos estão presentes nas conceituações dos três temas dessa seção. Comportamento, valores, lugar, modo, costumes etc., são algumas dessas palavras. Cultura, identidade e pertencimento são agentes de transformação e motivação, despertando e ativando o emocional das pessoas, podendo atuar como um poderoso recurso conforme veremos a seguir.

## 2.2 CULTURA COMO RECURSO

Como abordado anteriormente, nota-se que o conceito de cultura perpassa por uma gama de palavras chaves cuja conceituação dessas palavras são tão complexas quanto a sua própria, como a de lugar e a de símbolos por exemplo, o que torna o seu entendimento uma atividade que demanda bastante dedicação e estudo. A cultura toca em pontos cruciais relacionados desde a vivência humana até a formação de

sociedades, e por possuir tamanha importância e relevância ela é capaz de atuar como um recurso de transformação.

Nascido em 1947, o autor George Yúdice escreve justamente sobre cultura em diversos dos seus livros publicados e neste momento do presente trabalho será realizada uma discussão acerca da sua obra *A Conveniência da Cultura: Usos da Cultura na Era Global* de 2004, onde Yúdice discorre, entre outros pontos, sobre o uso da cultura como um recurso. Yúdice, e seu respectivo livro, foi escolhido para esse momento por ser um autor especialista no tema e por apresentar afirmações pertinentes que se relacionam com o tema dessa monografia promovendo assim comparações e associações sobre a atual temática.

Para iniciar, Yúdice (2004, p. 13) afirma, destacando que a cultura como recurso é muito mais do que uma mercadoria, que passou a ser invocada para resolver problemas que anteriormente eram da competência das áreas econômicas e políticas. A exemplo da Lagoa do Abaeté, em razão de que é observado que as problemáticas que circundam o local, que serão vistas no próximo capítulo, são de atribuição governamental, porém recorre-se a tentativa de ações culturais para buscar revitalizar turisticamente esse lugar. Yúdice (2004, p. 16) defende que vale a pena apoiar a atividade cultural, dado que ela reduz os conflitos sociais e promove o desenvolvimento econômico.

Para ele, a cultura como recurso pode ser comparada à natureza como recurso, desde que ambas atuem através do viés da diversidade, sendo essa comparação cabível uma vez que a natureza está estreitamente ligada a questões culturais. Yúdice (2004, p. 54) segue, nesse momento despertando a criticidade acerca do tema quando destaca que não é fácil fazer com que os aspectos sociopolíticos e econômicos de gerenciamento cultural cheguem a um acordo sem problemas ou contradições, afinal de contas existem interesses implícitos em cada um deles o que torna o consenso árduo. Gerenciamento, para o autor, é “o nome do jogo” quando se fala em recursos culturais e naturais, o que pode ser comprovado em diversos casos ao observar o quanto a ausência de gerenciamento realmente termina deixando lugares turísticos em ruínas.

Seguindo a mesma linha, o autor salienta que:

Para alguns, os relativamente “sem poder” podem extrair força de sua cultura para enfrentar a investida violenta dos poderosos. Para outros, o conteúdo da cultura em si é quase irrelevante; o que importa é que ela escora uma política de mudança. Ao mesmo tempo que essas perspectivas podem ser

bastante atraentes, é também verdade que a expressão cultural em si não é suficiente (YÚDICE, 2004, p.15).

O entendimento de que os “sem poder” seriam as comunidades, pequenos grupos, nativos de algum local específico, entre outros, provêm da realização de que são esses os que possuem a maior força cultural para enfrentar e resistir diante de situações como especulação imobiliária, por exemplo, a fim de defender o seu lugar, o seu povo e a sua cultura. Outro ponto que se assemelha veementemente com o tema da presente monografia. Yúdice afirma também que:

Rituais, práticas estéticas do dia a dia, tais como canções, lendas populares, culinária, costumes e outras práticas simbólicas, também são mobilizados como recursos para o turismo e para a promoção das indústrias que exploram o patrimônio cultural (...) A noção de cultura como recurso pressupõe seu gerenciamento, uma perspectiva que não era característica nem da alta cultura nem da cultura cotidiana no sentido antropológico. E para complicar ainda mais a questão, a cultura como recurso circula globalmente, numa velocidade crescente (YÚDICE, 2004, p. 16-17).

Conforme observado acima, o autor cita o turismo sendo ele ligado ao patrimônio cultural e ao que está incluído neste. Ele afirma que a cultura como recurso já uma realidade ao redor do mundo, o que será exemplificado na próxima seção deste capítulo. Utilizar e entender a cultura como um recurso é perceber o seu poder de atuação e transformação, inclusive como uma economia criativa.

Yúdice (2004, p. 23), questiona em dado momento se a cultura teria o poder de reconstruir a comunidade quando o mundo é lançado a crise. Existem casos que comprovam que sim e que esse poder é real, tamanha a força que cultura possui, ainda que seja uma tarefa difícil, quando se trabalha partindo do princípio cultural o sentimento de pertencimento é aflorado nos indivíduos sendo assim inegável o envolvimento dessas pessoas, pessoas de diferentes posições sociais e econômicas, atuando de maneira onde a vontade de restaurar deliberado local é algo que atinge o emocional.

No capítulo “Cultura como recurso”, Yúdice (2004, p. 25) traz uma série de posicionamentos e afirmações que se concatenam com o tema da atual monografia. Ele acredita que o papel da cultura se expandiu enormemente para as esferas política e econômica, ao mesmo tempo que as noções convencionais de cultura se esvaziaram muito, frisando que a cultura está sendo crescentemente dirigida como um recurso para a melhoria sociopolítica e econômica, ou seja, para aumentar sua participação nessa era de envolvimento político decadente, de conflitos acerca da cidadania.

A relação entre as esferas cultural e política ou cultural e econômica não é nova, afirma Yúdice (2004, p. 25), e até o presente momento essa relação existe e provoca problemáticas, afinal de contas são muitos interesses envolvidos, em que em pontuais casos a população acaba sendo prejudicada:

A defesa da centralidade da cultura para a solução de problemas sociais não é novidade, mas ela tomou diferentes formas no passado, como a (re)produção ideológica de cidadãos dignos (tanto burgueses quanto proletários ou nacionais). Embora, por muito tempo, tenha havido programas de terapia artística para deficientes mentais ou para presidiários, a cultura não era normalmente vista como a terapia adequada para disfunções sociais como o racismo ou o genocídio. Tampouco foi levada em consideração, historicamente, como um incentivo para o crescimento econômico (YÚDICE, 2004, p.28).

Segundo o escritor, a arte e a cultura alimentam comunidades e consumidores, historicamente. Passando a serem tratadas como qualquer outro tipo de importante recurso, como destacado a seguir:

Quando instituições poderosas como a União Europeia, o Banco Mundial, o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), as maiores fundações internacionais, e assim por diante, começam a compreender a cultura como uma esfera crucial para investimentos, a cultura e as artes são cada vez mais tratadas como qualquer outro recurso (YÚDICE, 2004, p. 30).

Esse tratamento, ao envolver essas instituições poderosas, pode ser benéfico ou maléfico, já que em muitas situações são elas quem determinam em que vão investir, como se uma cultura fosse mais interessante que a outra, como se uma vendesse mais que a outra, como se uma pudesse arrecadar mais lucro que outra. E infelizmente, é assim que funciona, uma cultura, nesse sentido, acaba sendo mais vendida que outra e tida como mais interessante que outra. Ou seja, acabam monetizando e mecanizando um sistema que não deveria ter esse tipo de tratamento, utilizando “instrumentos de aferição” para tomar alguma decisão nesse segmento:

Os instrumentos de aferição precisam medir as possibilidades além das intuições e opiniões. É por isso que a maioria dos projetos culturais financiados por BDMs se atrelam a outros projetos educacionais ou de renovação urbana. Esse modo de aproveitamento tem a ver com a dificuldade que os bancos têm em lidar com a cultura. Desprovidos de dados concretos, indicadores, por exemplo, é difícil justificar investimentos em projetos (YÚDICE, 2004, p. 33).

Yúdice afirma que a cultura é conveniente enquanto recurso para atingir um fim. Entrevistado por Costa e Wortmann (2015, p. 14-20), George Yúdice falou sobre o tema cultura como recurso e desdobramentos dos Estudos Culturais. Será trazido brevemente nesse momento apenas passagens de algumas de suas falas nessa

entrevista, dado que estas irão apenas complementar essa parte do trabalho, permitindo ainda maior entendimento acerca da discussão levantada.

O referido autor, no início da entrevista, reforça sua visão sobre o entendimento da cultura como recurso, dizendo que cultura definitivamente tem ligação com a ideia de recurso, pois se vale cada vez mais que isso, tanto para tentar resolver problemas sociopolíticos, por exemplo, de diversidade, de intolerância, quanto para ser um instrumento que impulsiona o crescimento econômico e a geração de emprego (COSTA; WORTMANN, 2015).

Em determinado ponto da entrevista George fala sobre intelectuais e sobre música:

Estávamos falando que muitos grupos que estão atuando social, musical, cultural e, também, educativamente não precisam mais da intervenção do intelectual brasileiro. Eles mesmos são agentes. É o caso do José Júnior, coordenador do Afroreggae, é o caso do Celso Ataíde, coordenador e diretor da CUFA – Central Única das Favelas –, de rappers como MV Bill, todos são intelectuais. Então, não é preciso que exista um Paulo Freire ou outra pessoa assim, mas isso também não quer dizer que eles não possam ter relações com intelectuais diferentes deles. Aqui o que está em jogo é a noção de que a agência mudou, não a ideia, mas a prática, a ideia de quem vai agenciar a transformação da sociedade. Será a iniciativa de um intelectual que irá animar a sociedade? (COSTA; WORTMANN, 2015, p.17).

Nesse momento, as afirmações acima feitas por Yúdice, permitem a fomentação da reflexão de que “As Ganhadeiras de Itapuã” podem ser consideradas intelectuais, pois o grupo é um agente que atua musical e culturalmente em esferas bastante significativas e que é capaz de “animar a sociedade”, como diz o autor. Como visto anteriormente em seu livro ainda nessa seção, George Yúdice segue a mesma linha de raciocínio ao falar de gestão cultural, destacando que:

Por isso, eu falo sempre sobre essa ideia de cultura virar recurso, ou melhor, que cultura é um recurso. Em nossa época, depois que se pensa assim, é que se começa a ver que a pessoa que “mexe” com cultura é um gestor. Assim como na natureza precisamos de gestores para que as populações não acabem com os recursos naturais, em relação à cultura também precisamos de gestores para administrá-la bem, favorecendo uma educação crítica (COSTA; WORTMANN, 2015, p.19).

A necessidade de gestores para administrar a cultura com consciência, respeito e cuidado é uma realidade urgente, sobretudo devido ao processo da utilização da cultura como recurso estar sendo cada vez mais real. Com seu poder de revitalização, a cultura demanda atenção e enfoque. Historicamente existem casos que comprovam a competência que esta possui, pois através dela transformações importantes ao redor do mundo já aconteceram e podem continuar acontecendo.

### 2.3 CULTURA E REVITALIZAÇÃO URBANA: ALGUNS EXEMPLOS

Existem muitos lugares bonitos ao redor do mundo. Lugares que vão além da sua beleza arquitetônica e/ou natural, mas que são também importantes pois possuem um histórico e promovem momentos e experiências marcantes para indivíduos, contribuindo para suas respectivas formações. Infelizmente, muitos desses lugares, ao decorrer dos anos e devido a diversos motivos, acabam sendo degradados, abandonados e esquecidos. Existem alguns casos em que a cultura foi utilizada como um instrumento de revitalização urbana e turística destes lugares.

Como visto anteriormente neste mesmo capítulo, o entendimento e a percepção de que a cultura, apesar de sua complexidade, é muito importante para a forma em que um indivíduo se porta perante a sociedade bem como reflete nesta como um todo, permite a reflexão e a associação da cultura como uma poderosa ferramenta de criação e transformação. Esta teria a capacidade de atuar no subconsciente das pessoas, remetendo-as a sua história de vida e costumes, como por exemplo, ao ouvir uma música que fala sobre as manifestações artísticas da sua cidade o sentimento de pertencimento é aflorado. Por esse motivo, também, a cultura foi utilizada em diversos casos como um alicerce para a revitalização urbana de alguns lugares promovendo uma economia criativa para esses locais, como é o caso de Dublin na Irlanda, por exemplo.

Segundo Henriques (2006, p. 47-62) em seu artigo que fala sobre o *Temple Bar* em Dublin, ele destaca que a operação para reabilitação deste icônico local desenvolvida nos anos 1990 foi uma das experiências mais bem sucedidas em toda a Europa, já que o local, nas décadas de 1970 e 1980 enfrentava problemas graves de despovoamento e de profunda desqualificação social, funcional e paisagística onde em outras partes do centro da cidade, a situação nunca chegou a ser tão dramática. O *Temple Bar*, ele destaca que devido a sua ligação mais estreita à vida portuária, seguiu um caminho diferente dos demais lugares nos arredores, especializando-se na armazenagem e na pequena indústria, nas atividades noturnas (teatros, bordéis, pubs), e na oferta de habitação para as classes populares, acontece que em meados do século XX, estas tradicionais funções entraram em rápida decadência e *Temple Bar* foi sendo abandonado.

A história e o processo de reabilitação desse local, se deu da seguinte forma:

As oficinas e as pequenas fábricas foram igualmente desaparecendo, ou por cessação da atividade, ou por deslocalização para áreas mais periféricas, o que também acabou sucedendo com a população. De resto, desde os anos 70 que a CIE, companhia nacional de transportes rodoviários irlandesa, tinha a intenção de construir na área de *Temple Bar* uma grande estação de ônibus, integrada numa estratégia mais ampla de modernização do sistema de transportes de Dublin, o que, prevendo a demolição de extensa parte do bairro, acelerou o seu despovoamento. A conjuntura econômica desfavorável dos anos 70 foi obrigando a CIE a adiar sucessivamente a concretização desse projeto. Enquanto aguardava, a companhia opta por ir colocando no mercado, sob a forma de arrendamento a baixo custo, o patrimônio que entretanto fora adquirindo em *Temple Bar* e que tenciona vir a ocupar com a nova estação. (...) Graças a isso, aos poucos, ateliês de artistas, gráficas, lojas de roupa e discos em segunda mão, oficinas de artesãos urbanos e algumas pequenas associações, começam a instalar-se no bairro. Seriam estes atores a protagonizar a mudança em *Temple Bar* e a abrir caminho à sua reabilitação (HENRIQUES, 2006, p. 53-54).

O autor destaca então que, após esses acontecimentos acima vistos, foram criadas condições para que entre esses novos 'residentes', aos quais depois, por difusão, se solidarizaram outros artistas, intelectuais e arquitetos, ainda que sem especial relação com o local, começassem a surgir críticas ao velho plano da CIE e passassem a ser discutidas alternativas para o futuro de *Temple Bar*.

O exemplo de Dublin trazido por Henriques, revela a força dos moradores e a sua resistência perante os desafios enfrentados naquele tempo. Eles, pioneiramente, não permitiram que o local, historicamente turístico, viesse a ser de fato destroçado e perdido. Esse exemplo assemelha-se ao tema desta monografia, como veremos ao decorrer da pesquisa.

Outro exemplo de revitalização urbana internacional através da economia criativa e da cultura é trazido por Ferreira (2013, p. 31-39) em publicação na revista *Turismo & Desenvolvimento*. Falando sobre os bairros culturais como instrumento de regeneração urbana por meio da cultura e do turismo, salientando seus impactos positivos e negativos, a autora traz o caso da Grã-Bretanha. Entre os anos de 1980 e de 1990, foram elaborados programas de incentivo, que tinham como foco desenvolver o turismo nas cidades em processo de revitalização, denominados *Tourist Development Action Programs*, em cerca de 20 áreas, apoiando assim a criação de bairros artísticos e culturais. O início se deu em Bristol, no ano de 1984, expandindo-se para outras diversas cidades britânicas, como Londres, Manchester, Birmingham, Leeds e Leicester (FERREIRA, 2013).

Hoje algumas dessas cidades, como Londres, são tão bem visitadas, possuindo pontos turísticos mundialmente famosos e desejados que é relativamente complicado imaginar que já foram desvalorizadas e abandonadas, mas que através do uso da

cultura como um recurso, com programas desenvolvidos nesse sentido, elas se tornaram o que são. A criatividade e a economia criativa é uma forte aliada da revitalização urbana. Gaspar et al. (2016, p. 38-56), discorre nesse sentido sobre os exemplos das cidades de Poblenou (Barcelona), Medellín (Colômbia) e Soho (Londres) em um estudo que reflete acerca da revitalização urbana ser um incentivo na criatividade e na promoção do desenvolvimento urbano de determinado local. Os autores enfatizam que:

Nos últimos 30 anos, o processo de revitalização urbana atingiu diversos, países que voltaram sua atenção à recuperação de áreas abandonadas, principalmente aquelas de cunho histórico (...) modelos reconhecidos internacionalmente como o 22@Barcelona (Barcelona - Espanha), o Ruta N (Medellín - Colômbia) e Soho (Londres - UK), são considerados como experiências com alto desempenho na elaboração de estratégias para estimular a inovação, o conhecimento e a criatividade no território (GASPAR et al., 2016, p. 47).

A transformação de Poblenou, por exemplo, foi uma tentativa da Câmara Municipal de Barcelona desde 2000. Esse é um bairro com considerável capacidade de produção, visto como o antigo distrito industrial têxtil de Barcelona e um novo distrito inovador englobando universidades, centros de pesquisa e indústrias de conhecimento, bem como instalações públicas e sociais. Seguindo de acordo com Gaspar et al. (2016, p. 47), nesse caso específico de Poblenou, o projeto 22@Barcelona foi uma oportunidade ímpar para transformar o que era o seu principal motor econômico há anos, mas que estava em condições primitivas. Esse projeto teve como objetivo não apenas ser um plano de planejamento, em suma que despertou uma nova maneira de visualizar a cidade, podendo ser compreendido como uma peça-chave do projeto do município de Barcelona: "Barcelona, cidade do conhecimento", tendo como objetivo alcançar a transformação do que era padrão da sociedade industrial em sociedade de conhecimento, sobretudo em atividades relacionadas a educação, criatividade e inovação.

Gaspar et al. (2016, p. 48), destaca ainda um outro relevante exemplo internacional, nesse momento sobre a segunda maior cidade da Colômbia, Medellín. Os autores evidenciam que em 1991, Medellín era considerada a cidade mais violenta do mundo, com 381 mortes por 100 mil pessoas, e devido a isso a associação da cidade com as drogas e com a violência era inevitável. Atualmente, esse já não é mais o cenário, não é a cidade mais violenta do mundo, hoje a cidade é sinônimo de cultura, transformação e educação. Em 2012, Medellín foi eleita como cidade mais inovadora do mundo em uma competição feita pela ONG americana Instituto *Urban Lande*. A

premiação seguiu, e em 2016 outro prêmio foi conquistado, dessa vez sendo o Cidade *Lee KuanYew World*, prêmio que reconhece as cidades que conseguem se transformar rapidamente através da criatividade e da cultura.

Para encerrar os exemplos internacionais relacionados a revitalização urbana e turística através da cultura e da economia criativa, esse último caso com maior foco na questão da economia criativa e o seu poder de transformação, destaca-se Soho, em Londres:

Atualmente o bairro Soho, em Londres, tem sido o local preferido por várias pequenas empresas que trabalham nos empreendimentos cinematográficos e na mídia. Durante a década de noventa, um grupo de pequenas empresas de efeitos especiais se uniu para pressionar a *BT Group*, a principal empresa de telecomunicações do Reino Unido, a instalar uma rede de banda larga no centro de Londres para que todos conseguissem trabalhar coletivamente em projetos que fossem impossíveis de fazer individualmente. Assim, esta foi a origem da rede *Sohonet*, que permitiu desde então que empresas pequenas constituíssem um consórcio capaz de competir pelos grandes contratos na área das imagens geradas por computador (IGC) para aos estúdios de Hollywood (GASPAR et al., 2016, p. 49).

Dessa forma, e de acordo com Botelho (2011, p. 86), é possível observar que os setores voltados a criatividade vão além dos setores denominados como tipicamente culturais voltados a dança, música, teatro, cinema etc., abrangendo também outras atividades relacionadas as ditas novas mídias, a indústria de conteúdos, a arquitetura e outros.

Nacionalmente, será destacado nesse momento o caso do Pracatum. O Pracatum reúne um pouco de tudo que foi visto relacionado a cultura nessa altura da monografia, a utilização da cultura como recurso e a economia criativa principalmente. De acordo com Pracatum (2018), foi através da percussão que o cantor e compositor Carlinhos Brown criou o projeto de visibilidade no Brasil e no mundo. Nascido em Brotas, bairro vizinho do Candeal, Brown identificou o potencial criativo do Candeal e o dinamismo do local e de seus moradores, iniciando assim um trabalho educativo através da fundação da Associação Pracatum que, desde 1994 até os dias de hoje, a partir do ensino do tambor, contribui para que o Candeal se tornasse um lugar de vidas de qualidade onde seus saberes e demandas sejam respeitados.

O Candeal é uma comunidade com população de baixa renda, apresentando vários problemas característicos de um centro urbano. Esta passa por uma transformação a partir da iniciativa de Carlinhos Brow que com o seu olhar crítico e criativo, desenvolveu um dos melhores exemplos para o tema discutido. Segundo Pracatum (2018), o trabalho de Carlinhos proporcionou o nascimento de muitos

grupos musicais como a Timbalada, que é um dos maiores e mais importantes nomes da cultura afrobaiana, surgindo no Candeal Pequeno de Brotas, como também é chamado. A Pracatum Escola de Música e Tecnologias já formou mais de 2 mil músicos, entre eles, os integrantes da banda Timbalada. Ou seja, é um trabalho e um projeto do extremo poder de transformação, que desperta o sentimento de pertencimento nos jovens que fazem parte deste.

Hoje a instituição desenvolve suas ações sustentadas nos pilares de Educação, Cultura e Desenvolvimento Comunitário, através dos projetos Escola de Música e Tecnologias, Tá Rebocado, Pracatum inglês, para crianças e adolescentes entre muitos outros projetos de engajamento não só dos moradores, mas de jovens de toda a cidade. Além disso, oferece cursos profissionalizantes para jovens e adultos (PRACATUM, 2018).

Para conhecer a instituição, é preciso agendar marcando hora. Recebendo turistas de todo lugar para conhecer o bairro e ações desenvolvidas pela Pracatum, podem ainda ser formadas turmas de percussão para quem visita à cidade, com no mínimo 20 pessoas por turma. É possível fazer visitas guiadas pelo bairro, vivências e almoçar a moqueca de Dona Madalena, mãe de Carlinhos Brown. Existem também moradias com quartos disponíveis para aluguel para aqueles que querem sentir o dia a dia do bairro, Pracatum (2018).

O exemplo da Instituição Pracatum no Candeal é como uma síntese do que a cultura sendo utilizada como recurso é capaz de fazer, como é possível transformar um bairro tornando-o turístico, aplicando a economia criativa. Projetos como esse são importantes pois ativam a memória afetiva dos jovens, os faz querer ser parte daquilo. Foi visto nesse capítulo, com esse e outros exemplos internacionais que ainda poderiam estender-se enormemente tamanha a quantidade de casos que já existem, que a cultura pode ser um instrumento real de revitalização urbana e turística e que a partir desse ponto, dos exemplos reais e da reflexão proporcionada, pode-se começar pensar na possibilidade da revitalização turística da Lagoa do Abaeté aliado ao papel do grupo “As Ganhadeiras de Itapuã”.

### 3 A LAGOA DO ABAETÉ: HISTÓRIA E CARACTERÍSTICAS ATUAIS

Conhecida por sua áurea misteriosa e encantadora, por sua natural beleza, com sua água escura, alvíssima areia e grandiosas dunas que despertam deslumbramento, por seu território gigantesco, pelo sincretismo religioso que a circunda e a torna sagrada. Por ter sido berço de tradições e importantes manifestações culturais, inspirando criações de músicas, poemas e demais demonstrações artísticas, a Lagoa do Abaeté está situada no bairro de Itapuã na cidade de Salvador, no estado da Bahia e no Brasil.

Este é um local de extrema importância para a cidade por motivos que permeiam entre a cultura, a história e a economia local sendo os registros da sua origem bastante antigos. O atual capítulo tratará da história da Lagoa do Abaeté, suas características físicas e irá descrever os aspectos culturais e simbólicos da Lagoa para a comunidade local.

#### 3.1 HISTÓRICO DO ABAETÉ

Diretamente associado ao histórico do Abaeté, está o seu significado. Em sua tese sobre parques metropolitanos, Teixeira (2014, p. 161) traz que o nome Abaeté é de origem tupi e significa “terrível”, “sem forma”, “assustador”, na língua tupi, o significado do nome Abaeté, enquanto habitação de uma divindade, indica que a relação com a natureza deve ser de respeito, evocando também o medo.

A origem do Abaeté é amplamente discutida baseada em diversos relatos e versões de populares, religiosos e estudiosos. Uma das mais conhecidas é a que:

Conta-se que Abaeté era um índio belo e forte, noivo de uma jovem moça. A mãe-d'água se apaixonou por esse índio. Quando ela soube que ele ia se casar, durante um banho na lagoa, a mãe-d'água levou-o para o fundo da água. Seu corpo nunca foi encontrado. Após a sua morte, durante as noites de lua cheia, sua noiva se sentava na beira da lagoa para chorar sua perda. Conta-se que a mãe-d'água transformou o vestido e o véu da noiva nas dunas que envolvem a lagoa (EDELWEISS, 1969, p. 6).

Falar da história do Abaeté é, conseqüentemente, falar da história de Itapuã, bairro onde está situada a lagoa. O surgimento do bairro se deu devido a diversas transformações de cunho econômico e social, além das lutas ambientalistas que ocorriam nos arredores do grande bairro e que refletiram no nascimento das suas adjacências. Sobre a história do bairro de Itapuã e sua importância para o surgimento

do Abaeté, Teixeira (2014, p. 162) traz alguns pontos relevantes em sua pesquisa. Inicialmente ela coloca que o lugar que dá origem ao bairro de Itapuã era habitado por indígenas do grupo linguístico tupi, cuja principal atividade produtiva era a pesca. Atividade produtiva que se tornou um marco cultural e identitário do bairro e que é praticada até os dias de hoje. A autora destaca que:

Em 1944, o governo federal declarou 2.000 hectares como de utilidade pública, para fins militares, visando à construção de uma base aérea e o aeroporto da cidade do Salvador; novas rotas de acesso foram criadas, como as de “Mussurunga” e “Ipitanga”. Nos anos de 1947 a 1951, a integração do bairro de Itapuã com a cidade do Salvador completou-se com a construção de uma estrada ao longo da costa até Itapuã, que se chamava “Otávio Mangabeira”. De vila dos pescadores, Itapuã passou a assumir a função de centro balneário da cidade de Salvador. Nesse período, começaram a aparecer os veranistas com suas residências temporárias (TEIXEIRA, 2014, p. 164).

A partir deste momento, Teixeira (2014, p. 165) completa que na década de 1960 surgiram os loteamentos residenciais e que deste processo, observaram-se as primeiras aglomerações que se tornaram “favelas” ou habitações precárias, próximas da Lagoa do Abaeté. Nessa mesma década o município de Salvador criou a lei da reforma urbana, que permitiu vender suas terras e nesse momento, quase toda a totalidade do território de Itapuã foi comercializada. A autora traz, ainda sobre o processo de surgimento e formação do bairro, indicando que, ao longo dos anos 1970, foram sendo construídos nas suas imediações o Centro Administrativo da Bahia, o Centro Industrial de Aratu e o Polo Petroquímico de Camaçari, mas que apenas a partir de 1980 o processo de urbanização e industrialização se intensificou na região, sendo então o bairro considerado residencial, mas também com vocação para o turismo e o lazer.

Estudos realizados por Avanzo (1988, p. 50) revelam que o local onde hoje está situada a Lagoa do Abaeté foi formado há cerca de 1,8 milhões de anos, a partir de mudanças climáticas e oscilações do nível do mar. No final da década de 1970, com o desenvolvimento de obras que tiveram como finalidade melhorar o acesso do público ao litoral, além da construção do aeroporto da cidade, hoje denominado de Salvador Bahia *Airport* (Aeroporto Internacional de Salvador, Deputado Luís Eduardo Magalhães), muitos loteamentos surgiram. Esse processo aliado às diversas ocupações desconformes que ocorreram nas imediações, causou o início da grande devastação e destruição das dunas. Devido à expansão da construção civil, a Lagoa do Abaeté acabou tendo grandiosa parte da sua areia retirada de forma desregular e descontrolada.

Esse processo acarretou, na década de 1980 em uma série de manifestações dos poderes públicos e de grandes empresas, interessados numa conservação associada ao desenvolvimento do turismo no bairro. Ainda segundo a tese de Teixeira (2014, p. 166) essas manifestações se deram por questões relacionadas ao crescimento do setor terciário, com instalações de bares, restaurantes, shoppings, hotéis e outras atividades ligadas ao setor, em especial ao turismo. Além dos quiosques que foram instalados na praia para venda de pratos típicos.

Em 1993 foi delimitada uma área de 12000 metros quadrados, nomeada proteção ambiental Parque Metropolitano Lagoas e Dunas do Abaeté, onde além da sua imensidão natural existem alguns espaços, como destacado a seguir

O espaço foi organizado da seguinte maneira: um centro de atividades, que compreende restaurantes, lojas, espaço para shows, espetáculos e peças de teatro (organizados ocasionalmente pela Secretaria de Cultura do Estado da Bahia), com área de 1.421 m<sup>2</sup>; casa das lavadeiras, com 330 m<sup>2</sup>; Casa da Música, com uma coleção de discos, vídeos, fotografias e instrumentos musicais, apoiada pelo Departamento de Museus da Secretaria de Cultura; um playground com equipamento de recreação infantil; um estacionamento com 156 lugares para automóveis e ônibus de turismo; quiosques para venda de água de coco, acarajé e outras comidas típicas; bancos em volta da lagoa para se apreciar a paisagem; e dois quilômetros de caminhos de circulação entre as dunas (TEIXEIRA, 2014, p. 205).

Esta APA compreende uma área de 1.800ha, sendo a maior parte situada no bairro de Praia do Flamengo (INEMA, 2020).

Atualmente, a Lagoa do Abaeté passa por uma acentuação considerável de um infeliz processo de abandono, descuido e alvo de especulações a respeito da localidade, como a mais comentada e recente notícia, que ocorreu em 2020, quando iniciou-se a instalação de uma Estação Elevatória de Esgoto ao redor da Lagoa, um projeto da Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia, aprovado pela EMBASA e pelo INEMA. Este fato, causou a revolta da comunidade local do bairro de Itapuã, pois criou-se um grande receio acerca da preservação da Lagoa e como essa obra iria afetar negativamente o local, ocorrendo assim diversos protestos com o intuito de interromper a obra.

Justamente sobre a comunidade local, Monteiro (1993, p. 20) possui uma tese, que aborda a existência de uma comunidade no bairro de Itapuã, cujo sentido é construído pela presença da categoria “itapuãzeiros”, que quer dizer pessoas que nasceram no bairro de Itapuã. Essas pessoas, os “itapuãzeiros”, têm um sentimento de identidade que se manifesta, sobretudo, no orgulho em relação a valores, como o passado em comum. Elas falam do bairro com amor, com orgulho, pertencimento.

Sentem-se parte fundamental da história do bairro que possui dezenas destes moradores antigos.

A autora Monteiro (1993, p. 24), em sua pesquisa, construiu o conceito de “Filhos de Itapuã”, segundo relatos orais. Ela revela que a comunidade formou, ao longo da sua história, uma distinção entre as pessoas que nasceram, as que cresceram e as que chegaram para morar no bairro. Coloca ainda, que existe uma parte dessas pessoas que se chama “antigos habitantes”, para se referir a alguém que nasceu em outra localidade, mas cresceu com as pessoas da comunidade.

Essas pessoas, os nativos do bairro, os “Filhos de Itapuã”, frequentemente levantam questões relacionadas à segurança da Lagoa do Abaeté na mídia. Muitíssimas pessoas afirmam que deixaram de frequentar a Lagoa devido a violência, roubos e crimes que ali começaram a ocorrer com certa frequência. A má fama do Abaeté, infelizmente levou o local a ser, em 2014, o ponto turístico mais mal avaliado por visitantes, segundo o jornalista, que destaca:

O turista que vem a Salvador ainda visita a mística Lagoa do Abaeté? Para os comerciantes do local, visitar não é o melhor termo para se empregar. ‘Hoje em dia, os turistas passam aqui, passam mesmo, nem do ônibus descem. Olham e vão embora. Com isso, o movimento cai ainda mais’. A afirmação é do presidente da Associação dos Vendedores Ambulantes, Baianas de Acarajé e Proprietários de Quiosques do Parque do Abaeté (Asvamba) (...) Uma das principais companhias de viagem do país, a CVC Turismo ainda lista no seu site a visitação ao parque, mas informa, por meio de sua assessoria, que deixou de oferecer o pacote, sem detalhar os motivos. (...) Não é só o comércio que sente a diminuição do número de visitantes. A administração do parque, de responsabilidade do Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Inema), relaciona a insegurança com a queda nas visitas. ‘É um efeito cascata. A partir do momento que começaram a ocorrer os assaltos, os visitantes deixaram de ir’, comenta o coordenador do parque, Tiago Marques (MOTA, 2014, p. 1).

Apesar deste fato, algumas pessoas discordam e se sentem muito tristes com essa imagem que é passada do Abaeté, da Lagoa. É o caso de uma das componentes do grupo “As Ganhadeiras de Itapuã”, Verônica Raquel Mucuna. No dia vinte e oito de março de 2022 a autora desta monografia realizou um encontro, em uma tarde na beira da Lagoa do Abaeté, com oito componentes do grupo incluindo o produtor artístico delas, onde diversos relatos foram coletados a respeito do grupo e da localidade. Observações e falas provenientes desse encontro serão citadas em alguns momentos ao decorrer da pesquisa, principalmente falas da Verônica, uma das Ganhadeiras mais comunicativas e repleta de opiniões fortes e histórias para contar. Com relação a imagem do Abaeté, comentada anteriormente, Mucuna diz que:

As pessoas estão voltando agora a frequentar o Abaeté sim, foram muitas coisas que levantaram contra ao Abaeté. Chegou é assaltado, violência etc., criou-se essa imagem na mídia de Itapuã/Abaeté e não é essa a verdade. Não é isso! Tem bastante segurança aqui. Não é assim como a mídia fala. Por isso que ficou dessa forma, também (MUCUNA, 2022. Informação verbal).

Além disso, tem-se o fator poluição e sujeira da Lagoa, que infelizmente afasta não somente as pessoas, mas também os animais que existiam em abundância no local há anos, uma vez que ali era fonte de alimentação de muitas famílias que viviam de pesca, pois a Lagoa sempre foi abundante de peixes, o que infelizmente justamente devido a poluição, já não é mais uma realidade.

Verônica fala um pouco sobre os possíveis motivos para o atual estado de poluição da Lagoa

Foram várias coisas. Fossas subterrâneas, da Nova Brasília por exemplo, que desaguam aqui, ebós (...) O que as pessoas estão defendendo hoje é que as pessoas façam ebós ecológicos, que não coloquem pratos, brinquedos plásticos, alimentos que apodrecem, que usem mais flores, não colocar vidros de alfazema, enfim, é um trabalho de conscientização mesmo. O fator mais predominante de poluição são as fossas, entende? (MUCUNA, 2022. Informação verbal).

É válido ressaltar que estas problemáticas, entre outras, não serão o foco deste trabalho. Nesta monografia será analisada apenas a possibilidade da revitalização turística do local e não serão estudadas outras variantes de revitalização que, apesar de igualmente importantes e necessárias, não fazem parte dos objetivos desta pesquisa.

### 3.2 ATUAIS CARACTERÍSTICAS FÍSICAS DA LAGOA DO ABAETÉ

Como visto anteriormente, a Lagoa está situada no bairro de Itapuã. Segundo Teixeira (2014), o território deste bairro possui área de 4.513, população de 175.020 habitantes, taxa geométrica de crescimento de 4,0, densidade populacional bruta de 30 Hab/Ha.

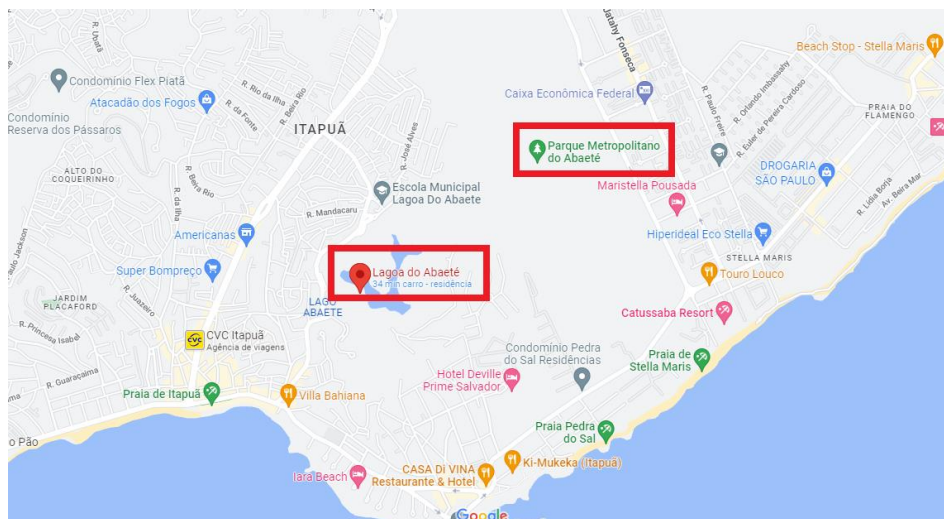
A respeito das características geográficas e físicas, mais precisamente da Lagoa do Abaeté, tem-se que

A Lagoa do Abaeté (20m a.n.m; 12° 53'S, 38°22'W) ocupa uma bacia com 6m de profundidade, em forma de bumerangue localizada entre fileiras de dunas pleistocenas, no setor norte da Cidade do Salvador (BA). Ao seu redor a vegetação predominante é a restinga que recobre os vários cordões de dunas. (...) A hipótese mais aceita para a sua origem afirma que o complexo campo de dunas e lagoas da região de Abaeté começou a se configurar num período em que o relevo local era uma planura quase regular, constituído apenas por um rio principal com seus afluentes. (...) A vegetação das dunas,

constituída de aglomerados de plantas distribuídas irregularmente, apresenta árvores que atingem aproximadamente três metros de altura (com algumas emergentes), arbustos e ervas. Há o predomínio de árvores e arbustos altos, e muitas plantas suculentas (OLIVEIRA et al., 2003, p. 2).

O bairro onde a Lagoa está situada é considerado populoso, dispondo de diversos serviços em volta. Bares, restaurantes, hotéis, mercados, farmácias, comércio formal e informal, além de intenso fluxo de transporte público estão presentes na região. O mapa a seguir permite a observação de alguns desses serviços ao redor bem como da localização da Lagoa do Abaeté, como pode ser observado na Figura 1:

Figura 1- Localização da Lagoa do Abaeté



Fonte: Google Maps (2022).

Fisicamente, um dos aspectos que mais chamam a atenção na Lagoa do Abaeté é a coloração da água. Em Ganhadeiras (2021), onde está disponível o Museu Virtual Casa de Ganho, tem-se diversas informações específicas sobre a lagoa como a explicação dessa cor escura, por exemplo. Ela tem a ver com a vegetação do local que tem em sua flora plantas como cajueiros e, principalmente, coqueiros além de muitas outras espécies medicinais também. Ainda, a vasta flora do local é constituída por cerca de 410 espécies, com uma vegetação de restinga e árvores frutíferas e outras espécies como bromélias, orquídeas e samambaias.

Ganhadeiras (2021), destaca características da fauna da lagoa também, mostrando que possui um ecossistema de restinga com espécies como a coruja-buraqueira, o sariguê e o Calango do Abaeté (*Glaucomastix abaetensis*), que é um lagarto de sete cores e cauda verde azulada, uma espécie nativa da região que está ameaçado de extinção. Apesar da poluição, ainda é possível encontrar algumas

espécies de peixes de água doce e até mesmo cobras d'água, outras espécies de reptéis, aves e anfíbios. A poluição da Lagoa do Abaeté passou a ser identificada, principalmente, devido a um dos principais indícios do processo de degradação do ambiente que é a presença abundante de baronesas, espécie vegetal que geralmente indica poluição na água.

A Lagoa do Abaeté, apesar dos longos anos que se passaram desde os registros do seu surgimento, permanece com características físicas semelhantes, apesar da água da Lagoa estar mais seca, outros fatores continuam ali, mesmo apesar de toda degradação. A areia ainda é de extrema brancura, as pedras portuguesas que compõem grande parte do chão ainda estão no lugar, mesmo que algumas já estejam soltas, os quiosques ainda que não mais tão bem frequentados, ainda estão no mesmo lugar, e a imensidão verde permanece ali também, com toda a sua força e resistência.

### 3.3 OS ASPECTOS CULTURAIS, SIMBÓLICOS E TURÍSTICOS DA LAGOA: O OLHAR DA COMUNIDADE

Há tempos se fala de Itapuã, do Abaeté e da Lagoa, pelos mais diversos motivos. Dorival Caymmi em A Lenda do Abaeté, música escrita em 1948 que faz parte do seu primeiro álbum lançado em 1954, escreveu que:

No Abaeté tem uma lagoa escura  
 Arrodeada de areia branca  
 Ô arreia branca  
 De manhã cedo  
 Se uma lavadeira  
 Vai lavar roupa no Abaeté  
 Vai se benzendo  
 Porque diz que ouve  
 Ouve a zoadá  
 Do batucajé”  
 (CAYMMI, 1954).

Nesta canção, Caymmi afirma e traz à tona a questão indissociável a Lagoa do Abaeté que está ligada ao misticismo até os dias de hoje. A lagoa escura em contraste com a areia sempre tão branca, como perceptível no registro abaixo realizado pela autora da monografia, mostra uma singela parcela dessa beleza.

Figura 2- A Lagoa do Abaeté



Fonte: Autora (2022).

Os antigos moradores, as pessoas que trabalhavam de ganho, lavando roupas e na pesca, afirmam que sempre houve a sensação de uma energia muito forte na Lagoa, principalmente há anos, em que eram muito mais frequentes os rituais religiosos que ocorriam. A vida no Abaeté sempre foi algo muito próprio dos nativos deste local, algo que sempre despertou o sentimento de pertencimento destes, também foi berço do nascimento de grandes obras artísticas e de manifestações culturais como é visto na seguinte matéria do jornal Correio da Bahia, de 2021

A região do parque não era inexplorada, nem desconhecida. Muito pelo contrário, sempre foi parte da vida sociocultural do bairro de Itapuã. Há mais de um século a Lagoa do Abaeté já era usada por lavadeiras, que utilizavam as águas escuras da lagoa para lavar roupa 'de ganho' – e isso perdurou pelo menos até a década de 1990. O espaço era ponto de encontro para grupos de religiões de matriz africana e ainda para grupos culturais. O bloco afro Malê Debalê, por exemplo, nasceu em Itapuã e é sediado, hoje, dentro do Parque Metropolitano do Abaeté (PACHECO, 2021).

Alguns que trabalhavam da pesca e do ganho relatam a presença dos encantados. Mucuna (2022), durante a mesma conversa previamente citada nas seções anteriores, diz que

Encantados (a) são a energia do lugar. Essa minha crença parte do que essas mulheres, as pessoas da minha família, relatam que viam visagens, sentiam a energia. O Abaeté não era assim "aberto", quando as pessoas chegavam, minhas tias falam muito, que elas sentiam um baque quando se deparavam com a Lagoa do Abaeté, então o que é isso se não essa forma, se não essa magia encantada? Essa Lagoa tem muito axé. Axé é o que? Axé é magia, é encantamento. As pessoas não sentem isso mais, por conta dessa descrença, dessa desconexão, dessa falta de vivência (MUCUNA, 2022. Informação verbal).

A ganhadeira diz ainda que a lagoa está lá para todo mundo, mas que “esse todo mundo” precisa respeitar, ela enfatiza que acredita muito nos encantados e encantadas da Lagoa do Abaeté, mas que hoje, infelizmente, não se vê, nem se sente mais essa energia como antes, justamente por que as pessoas não acreditam e não respeitam.

A Lagoa do Abaeté, também já foi palco de diversos episódios de afogamentos. Teixeira (2014) reafirma os relatos dos moradores da região ao trazer em sua pesquisa que as informações sobre mortes por afogamento e desaparecimento de pessoas são relativamente comuns, e que notícias sobre acidentes são relativamente frequentes na lagoa. Isso estimula a narrativa de acontecimentos misteriosos nessa área não apenas como crenças do passado, mas que, ainda hoje, estão presentes no imaginário das pessoas. Atualmente existe um cercado de boias justamente visando evitar esse tipo de acontecimento.

Essa desperta um sentimento de pertencimento de grande significância para os moradores do bairro de Itapuã, devido a acontecimentos que historicamente sucediam ali, como rodas de conversas entre amigos e antigos moradores onde partilhas de experiências pessoais e também relacionadas ao local aconteciam, muitas crianças costumavam brincar ao redor de todo o ambiente, mulheres que iam lavar roupa, as cantigas e rodas de capoeira que sempre se passavam, além da contemplação da natureza.

Um importante elemento simbólico presente na localidade do Abaeté que merece destaque, é o busto em homenagem a Mãe Gilda, ativista de um projeto de intolerância religiosa que faleceu em 2000.

Além de ser parte fundamental para o surgimento do grupo “As Ganhadeiras de Itapuã”, em que posteriormente nesta monografia ocorrerá a explanação relacionada a essa história. No que tange a manifestações culturais pode-se destacar também o Abaeté como sede do grupo Malê Debalê que segundo artigo postado em 2018 pelo site oficial da cidade de Salvador, tem-se que este grupo nasceu de jovens moradores de Itapuã em sua maioria, grupo que traz a vivência de outras entidades culturais negras como o Apaches do Tororó, Ilê Aiyê, Badauê. Essas vivências se moldando ao jeito "itapuãzeiro" de ser, construiu o necessário para a criação de uma entidade que além de carnavalesca é também promotora de valores significativos para

a cultura negra, e, ainda, promove um espaço de afirmação positiva da história do bairro de Itapuã, da Lagoa do Abaeté e dos demais arredores.

Apesar de toda relevante simbologia da localidade, o planejamento e as políticas públicas para o Abaeté deixam a desejar, como veremos no próximo capítulo.

## **4 POLITICAS PÚBLICAS PARA O ABAETÉ: PLANO DIRETOR, PLANO PLURIANUAL, PLANO ESTRATEGICO DE SALVADOR E PLANO SALVADOR 500**

Fator indispensável a discussão acerca da referida localidade em foco no presente trabalho é o planejamento urbano do Abaeté e conseqüentemente do Parque Metropolitano Lagoas e Dunas do Abaeté. Para obter conhecimento acerca do que se tem em pauta para o local, do que já foi discutido, se existe algum tipo de planejamento futuro, fez-se necessário buscar em fontes relacionadas a órgãos oficiais do município e do estado, como o último Plano Diretor, PDDU, redigido em 2016, onde encontram-se alguns pontos relevantes a serem destacados. O PPA, Plano Plurianual, de 2021 e 2022 também foi consultado. Ainda, o último Plano Estratégico de Salvador e o Plano Salvador 500 foram igualmente estudados.

Neste capítulo serão reveladas as últimas informações emitidas pelos documentos anteriormente citados, num levantamento onde os termos “Lagoa do Abaeté” e “Itapuã” foram pesquisados no intuito de verificar o que foi encontrado.

### **4.1 PDDU – PLANO DIRETOR**

Com relação ao Plano Diretor, encontram-se algumas informações referente ao planejamento para a localidade. No título VIII, que fala do ordenamento territorial, dentro do primeiro capítulo intitulado de "Dos Elementos Estruturadores do Território", destaca-se dentro do Art. 126, parte cinco "Sistema de Áreas de Valor Ambiental e Cultural (SAVAM)" que:

O Sistema de Áreas de Valor Ambiental e Cultural - SAVAM é constituído por conjunto de espaços de relevante interesse e qualidade ambiental e pelo conjunto de edificações de valor histórico, arquitetônico e paisagístico, configurando-se como marcos referenciais da cidade, compreendendo também parques e praças para o convívio da população (SAVAM, 2007, p. 4).

Trazendo o entendimento de que o Parque Metropolitano Lagoas e Dunas do Abaeté faz parte do SAVAM por ser um parque onde ocorreu e ocorre momentos de contato e confraternização que de fato são contribuintes para agregar os valores citados a cidade como um todo. Na Subseção V "Da Macro área de Requalificação da Borda Atlântica", no art. 151 que fala sobre o ordenamento territorial da macro área de Requalificação da Borda Atlântica, a parte oito traz que havia um planejamento

onde o Abaeté estava incluso, planejamento que não foi executado até o presente ano. Este informa que o plano era realizar a:

Criação e fomento de um circuito de parques públicos, fundado em equipamentos existentes, com porte e funções diversificados, mediante a articulação dos parques urbanos de Pituaçu, do Abaeté e do Parque Ecológico do Vale Encantado com a rede de parques de bairro da macro área, integrada pelo Parque da Lagoa dos Pássaros, Parque dos Ventos, Parque da Boca do Rio, Parque de Piatã e o Parque de Itapuã (MUNICÍPIO DE SALVADOR, 2016).

Ainda no Plano Diretor, na seção II, relacionada a Macrozona de Conservação Ambiental, logo no início, no art. 153 o PDDU informa que:

A Macrozona de Conservação Ambiental é integrada por ecossistemas de interesse ambiental e por áreas destinadas à proteção, preservação, recuperação ambiental e ao desenvolvimento de usos e atividades sustentáveis. Compreende as ilhas na Baía de Todos os Santos, as áreas de proteção rigorosa das APA, os parques urbanos, as áreas indicadas para Unidades de Conservação ambiental e pequenos ecossistemas de espécies endêmicas remanescentes no território municipal (MUNICÍPIO DE SALVADOR, 2016).

Já na subseção II onde o tema são as APA, é feito um levantamento e uma conceituação acerca do que são estas Áreas de Proteção Ambiental, e é realizada uma abordagem que traz o Abaeté, onde na descrição das APAS instituídas pelo Governo do Estado da Bahia, no primeiro tópico tem-se o da Lagoas e Dunas de Abaeté que, segundo disposto no PDDU do Município de Salvador (2016), revela importantes dados a respeito da sua intuição que aconteceu em 22 de setembro de 1987, pelo Decreto Estadual nº 2.540, e alterada pelo Decreto Estadual nº 2.540, de 18 de outubro de 1993, com Plano de Manejo e Zoneamento aprovado pela Resolução do Conselho Estadual do Meio Ambiente, CEPRAM, nº 1.660, de 22 de maio de 1998.

Ainda na atual subseção, no art. 256 encontram-se informações consideradas importantíssimas para esta pesquisa, pois neste ponto são demonstradas as diretrizes para as áreas que estão incluídas na APA da Lagoas e Dunas do Abaeté. Entre algumas das principais e mais relevantes está a que visa gerir junto ao órgão de gestão da APA o desenvolvimento de ações compartilhadas que teriam como objetivo compatibilizar a conservação ambiental com as atividades de lazer, turismo ecológico e, atividades culturais; qualificar a APA como centro de referência para a educação ambiental; recuperar e preservar a vegetação de restinga e, em especial, o maciço de dunas. Além da:

[...] Manutenção de padrões de ocupação do solo de baixa/média densidade, em especial nos espaços urbanizados implantados na proximidade dos ambientes de lagoas e de dunas; Proteção aos cones de aproximação do Aeroporto de Salvador, mediante controle rigoroso da altura das edificações

nas áreas afetadas pelas normas de segurança de voo; Compatibilização das restrições de uso e ocupação do solo nas áreas abrangidas pela zona de ruído do Aeroporto Internacional Luiz Eduardo Magalhães com as definições do Plano da Zona de Ruído (PZR), de acordo com a Resolução ANAC nº 281, de 10 de setembro de 2013 (MUNICÍPIO DE SALVADOR, 2016).

No viés que avalia o tratamento dado a questão do planejamento urbano do Abaeté e sua APA, é notório que muitas das questões propostas e em pauta, acabaram não sendo de fato postas em prática, além de que os pontos trazidos não são muito abrangentes e claros no que se refere as propostas para o planejamento urbano do local e, ainda, é citada a questão cultural, que está diretamente associada a presente pesquisa, de maneira rápida e superficial.

#### 4.2 PPA – PLANO PLURIANUAL, O PLANO ESTRATÉGICO DE SALVADOR E PLANO SALVADOR 500

Outras três ferramentas utilizadas para buscar informações acerca do planejamento da Lagoa do Abaeté foram o Plano Plurianual, o Plano Estratégico de Salvador e o Plano Salvador 500. Essas fontes foram consideradas pois se houvesse algum planejamento destinado para a localidade em estudo, certamente estaria, também, nesses documentos, partindo do princípio de que o Plano Plurianual, é, de acordo com o site oficial do Governo Federal, considerado um dos principais instrumentos de planejamento orçamentário de médio prazo do Governo Federal, definindo diretrizes, objetivos e metas da administração pública federal, contemplando as despesas de capital e outras delas decorrentes, além daquelas relativas aos programas de duração continuada. Ao passo que o Plano Estratégico, como sugere o nome, determina as estratégias, os objetivos, e as ações do município e da prefeitura para dado lugar.

Nos PPA de 2021, 2022, e no PPA participativo, ao serem pesquisadas as palavras “Lagoa”, “Abaeté” e “Itapuã” nenhuma informação foi constatada (GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA, 2020). Ao aprofundar a pesquisa e consultar PPAs de anos anteriores, da mesma maneira, nada foi encontrado. Atestando que o bairro de Itapuã e a Lagoa do Abaeté não se encontram entre as prioridades do governo. Adicionando o termo “Ganhadeiras” também não foi originado nenhum resultado.

Quanto ao Plano Estratégico de Salvador referente ao intervalo de anos 2021-2024, em um documento de noventa e três páginas, algumas informações apareceram

ao ser filtrada a palavra “Itapuã”. As mesmas outras palavras anteriormente citadas foram pesquisadas e nenhum resultado foi encontrado para estas.

Foram mostrados apenas cinco resultados para a pesquisa com o nome “Itapuã”. O primeiro resultado aparece na página 27 relacionado ao que se planeja fazer pelo bairro em relação a saúde mental sendo marcada a entrega de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) em dezembro de 2024. O segundo resultado refere-se a obra de requalificação feita na orla, em que o Plano Estratégico deixa registrado, na página 128, que em dezembro de 2021 foi concluído o primeiro trecho da reforma. O terceiro resultado aparece logo abaixo do segundo e fala sobre o mesmo tema, nesse momento registrando que em dezembro de 2022 será entregue a quarta parte da requalificação da orla no trecho entre o Farol de Itapuã e Itapuã (SJDHDS, 2020).

A quarta e quinta resultância do filtro aplicado no Plano Estratégico também tem a ver com o segundo e o terceiro. Na mesma página, a prefeitura segue falando sobre as obras de requalificação na orla, de maneira que o quarto resultado fala que em abril de 2023 será concluída a licitação dos trechos da orla de Jaguaribe, Plataforma/Itacaranha, incluindo a faixa do mar e orla Itapuã até Stella Maris. Por fim, no quinto resultado a prefeitura afirma que em dezembro de 2024 a obra de requalificação estará completa.

Em mais um documento oficial, percebe-se que os interesses voltados para o bairro de Itapuã não se relacionam com o intuito do presente trabalho, não fala da Lagoa do Abaeté e resume-se em, majoritariamente, se referir a praia.

A respeito do Plano Salvador 500, nada de relevante foi encontrado ao aplicar o mesmo filtro de pesquisa (PREFEITURA DO SALVADOR, 2020). Não existe nenhum registro de planejamento para o Abaeté, nenhum levantamento que toque na cultura e economia local, bem como de Itapuã. Apesar do resultado insatisfatório, ainda assim é válido trazê-lo pois então diante desse cenário fica perceptível o abandono sofrido pelo local, pelos órgãos responsáveis. O entendimento de que não obter resultado e/ou resposta também é um resultado, auxilia o direcionamento que a pesquisa irá tomar.

## 5 “AS GANHADEIRAS DE ITAPUÃ”: A CULTURA E O GRUPO

O grupo musical e cultural “As Ganhadeiras de Itapuã” é um grupo que nasceu em Itapuã no ano de 2004. Retrata a vivência de mulheres e descendentes de mulheres que trabalhavam de ganho, retrata ainda a história e a cultura do bairro de Itapuã e da Lagoa do Abaeté. É formado por mulheres, em sua maioria senhoras e, desde a sua formação, já acumulam mais de quinze anos de história e de prêmios importantíssimos para a música brasileira.

Este capítulo apresentará a história e significado do grupo, a sua importância cultural, os desafios enfrentados ao longo da sua trajetória e trará a discussão de como este grupo pode ser um alicerce para a possibilidade da revitalização turística da Lagoa do Abaeté, conhecendo algumas das integrantes do grupo inclusive.

### 5.1 HISTÓRIA E SIGNIFICADO DO GRUPO

Criado em 2004 e idealizado pelo Amadeu Alves, o grupo “As Ganhadeiras de Itapuã” é composto em sua maioria por senhoras, mas também por crianças, jovens e músicos. Segundo Almeida Filho (2022) Filho, produtor artístico do grupo desde o seu surgimento há dezoito anos, no total este possui quarenta e dois integrantes, sendo vinte duas pessoas na linha de frente.

O artigo de Leahy (2015), destaca que a motivação para a criação do grupo surgiu através da resistência dos que ainda acreditavam na felicidade que vinha das práticas cotidianas no bairro. A autora traz ainda que o grupo das Ganhadeiras, retrata o cotidiano e as atividades da antiga Itapuã, em apresentações musicadas elaboradas a partir das memórias dos integrantes mais velhos e da vontade de moradores nativos em manter vivas as tradições do lugar.

O processo de idealização do grupo surgiu de maneira muito natural. O Amadeu Alves, morador de Itapuã há cinquenta e quatro anos, diretor musical e compositor de diversas canções do grupo, começou a promover reuniões em conjunto com outros antigos moradores, onde havia conversas descontraídas entre estes, cantigas, onde essas pessoas contavam histórias sobre suas vivências e compartilhavam memória afetiva. Esse processo acabou despertando em Amadeu a ideia de criar um grupo propriamente dito para de fato recontar essas histórias e

resgatar o sentimento de pertencimento nos nativos do bairro através de mulheres, inclusive da sua própria filha, e do samba.

O grupo conta com mulheres de diversas idades. Mulheres que, além de cantar sobre as histórias antigas do bairro de Itapuã, cantam também sobre a atividade de ganho que está diretamente ligada ao bairro e a elas, como veremos mais adiante. Na figura abaixo, estão presentes algumas das Ganhadeiras na Lagoa do Abaeté. Da esquerda para a direita encontram-se, Jaciara dos Santos, Ivanir Conceição, Teresa Conceição, Herondina Reis Soares, Juliana Alves, Verônica Raquel Mucuna e Teresa Cristina.

Figura 3- "As Ganhadeiras de Itapuã"



Fonte: Autora (2022).

Importante para o entendimento do significado do grupo assim como para o que defendem, é, primeiramente, compreender o que é ser ganhadeira, qual é a definição deste termo, historicamente falando. Conforme remete o nome, ganhadeira provem da palavra ganho. Os trabalhadores de ganho, vistos em cidades brasileiras principalmente entre os séculos XVIII e XIX, eram negros africanos e de descendência africana, escravizados ou libertos, postos para trabalhar nas ruas, em atividades comumente desprezadas pela mão de obra branca e livre; ao negro, ainda que liberto, não era socialmente tolerado o exercício de profissões de maior prestígio social (LEAHY, 2015).

Na Lagoa do Abaeté, ganhadeiras eram mulheres que compravam o peixe dos pescadores, para em seguida grelhar e vender no mercado tradicional de São

Joaquim, e no de São Miguel na Baixa dos Sapateiros. (SILVA, 1993). Muitas dessas ganhadeiras foram trazidas da África, escravizadas, para trabalhar no ganho e assim aumentar os lucros dos seus senhores, muitas delas se aproveitaram dessa condição para assim conseguir comprar sua alforria.

Elas preparavam os produtos, delimitados pelos senhores, vendiam esses produtos com o preço mais caro, e então quando elas chegavam nas casas grandes elas davam o valor devido aos seus senhores, e aquele valor que elas conseguiam a mais era escondido para que quando arrecadassem o valor correto, pudessem comprar sua alforria. “As Ganhadeiras de Itapuã” recontam essa história através da musicalidade e da dança. Esse relato é confirmado por Leahy (2015), que discorre que o dinheiro que restava, aos poucos, era de fato possível para alguns escravos de ganho juntar o necessário para a compra da almejada alforria.

A ganhadeira Verônica Mucuna (2022), durante o encontro realizado entre a autora desta monografia e integrantes do grupo, em março de 2022 conforme citado no capítulo anterior, diz que “As Ganhadeiras de Itapuã” decidiram recontar essa parte da história de ganho, porque elas são mulheres que descendem dessas mulheres escravizadas do ganho e entendem que o bairro de Itapuã sempre foi muito importante para essa história, já que era uma aldeia de pescadores muito pobre, mas que possuía abundancia de riquezas naturais, sendo muito farto de coco, de peixes e de frutas, onde essas mulheres encontraram através do comercio a forma de aumentar sua renda e assim poderem sustentar as suas famílias.

Mucuna (2022), conta que a maioria destas mulheres tiraram seu sustento da Lagoa do Abaeté através da lavagem de roupa e da pesca, sendo de fato a maior fonte de renda na Lagoa do Abaeté a lavagem de roupa. Muitas delas também bordavam, preparavam quitutes. Havia as baianas de acarajé, as vendedoras de frutas, cocadas, lelê, mingau e demais variedades de iguarias. Historicamente, até a atualidade é possível notar essa tradição da atividade de ganho presente nas ruas de Salvador, atividade que ainda é uma maneira de sustentar famílias, como pode ser visto a seguir:

As mulheres que realizavam o trabalho de ganho no Brasil, chamadas de ganhadeiras, ocupavam lugar de destaque na vida urbana. Pelas ruas da cidade de Salvador, encontravam-se tanto negras libertas quanto as escravizadas postas a mercar nas ruas, juntando dinheiro para sua alforria e a de parentes ou para o sustento da família. Era principalmente às mulheres que cabia a comercialização de alimentos que, no caso de Salvador, contribuíram para popularizar a culinária baiana que ainda hoje é vendida nas ruas, em grande medida mantida como tradição da Bahia pelas baianas de

acarajé, na variedade gastronômica de seus tabuleiros. (...) Com o fim da escravidão, muitos costumes de matriz africana realizados no Brasil, como as roupas, músicas, danças e comidas, desenvolvidos também no trabalho de ganho em Salvador (...) Muitas de suas descendentes mulheres mantiveram ou passaram a realizar a atividade de mercação na cidade como forma de renda, e continuaram a ser chamadas de ganhadeiras por um tempo, como as que, junto com seus companheiros, formaram o povoado de Itapuã. (LEAHY, 2015).

O autor relata o funcionamento da atividade das ganhadeiras que viviam no bairro de Itapuã, descrevendo concisamente as suas respectivas rotinas:

As ganhadeiras que viviam em Itapuã levavam o peixe e outros quitutes para serem comercializados na cidade. Por viverem em um local muito afastado e sem transporte público, andavam cerca de 25 quilômetros para comprar. Percorriam toda a praia a pé, passando pelas regiões de Jaguaribe, Boca do Rio, Pituba e Cabula. Quando o Rio Jaguaribe ficava cheio, impedia a passagem com a força de sua correnteza; uma alternativa de locomoção eram os saveiros, de passagem para abastecer os armazéns da cidade. Pelo caminho, as mulheres entoavam canções e cantigas que retratavam o cotidiano de suas atividades e a paisagem do vilarejo em que viviam (LEAHY, 2015).

As canções e cantigas estavam presente no cotidiano dessas mulheres e “As Ganhadeiras de Itapuã” procura estreitar essa realidade o mais precisamente possível através das suas atuais canções, como veremos a seguir.

## 5.2 IMPORTÂNCIA CULTURAL, PREMIAÇÕES E DESAFIOS ENFRENTADOS PELO GRUPO

Um grupo que retrata um recorte tão singular da história de mulheres escravizadas, passa por alguns processos ao longo da sua trajetória. Processos repletos de desafios, mas que também reafirmam a importância cultural do grupo e mostra o porquê “As Ganhadeiras de Itapuã” é um grupo necessário. O grupo possui composições que remetem ao tempo em que o bairro de Itapuã era farto de riquezas naturais, há composições que descrevem a rotina das mulheres ganhadeiras e que fazem o ouvinte refletir acerca daquele tempo. O grupo intitula o seu ritmo e estilo musical como “samba de mar aberto” definindo-o como um samba realmente aberto, que tem o samba-de-roda como base e como raiz, mas que perpassa por qualquer vertente da música popular brasileira.

Para a ganhadeira Teresa Conceição o grupo é importante por diversos motivos, mas um se sobressai. Sentada na areia, com sua marcante saia longa e

florida, maquiagem em destaque e turbante nos cabelos, ela fala um pouco do processo de criação e da consequente importância desse grupo:

Visando resgatar a história das mulheres de ganho, que um grupo de pessoas daqui de Itapuã, incluindo Amadeu Alves que é o nosso diretor artístico, resolveram se juntar e começaram a promover encontros onde as pessoas traziam essa memória afetiva, os cantos, as histórias, e daí surgiu o grupo das Ganhadeiras de Itapuã, resgatando essa história mas de uma forma, eu digo, menos árdua, de uma forma mais lúdica, trazendo alegria, demonstrando só a beleza de tudo isso para as pessoas, trazendo a história na sua forma mais bela de ser, porque a gente sabe que a história não é tão bela assim, a gente sabe que o que a gente faz hoje no palco era o que elas faziam, e eu digo a gente porque eu faço parte, não do trabalho de fato, mas da história, descendo desse movimento, porque o ganho é um movimento contínuo, se reconfigura, mas é um movimento contínuo. E a importância deste grupo é justamente resgatar essa cultura, não dizer que vai voltar tudo como era antes, mas o fortalecimento dessas mulheres em saber de onde elas descendem, porque quando a gente sabe de onde a gente descende, de que nossa história é uma história de resistência, de luta, de libertação, a gente faz com que outras mulheres também se apropriem dessa força, consigam fazer o que muitas de nós fizemos e fazemos até hoje que é vencer na vida, vencer a vida! (CONCEIÇÃO, 2022. Informação verbal).

O relato de Teresa revela o sentimento de pertencimento, resistência, nostalgia e orgulho que essas mulheres sentem sobre o passado, um passado doloroso, mas que as trouxe até onde chegaram, tentando passar essa imagem de luta através de canções alegres e apresentações lúdicas. Nas músicas do grupo esses sentimentos são vivos, como por exemplo em *Passado e Presente*

Desde o tempo de criança  
Eu veraneava em Itapuã  
Hoje moro nesta terra  
Entrego a Deus o amanhã  
Água encanada, não existia  
Os poços é que se viam  
Lata d'água na cabeça  
Mamãe dizia, não esmoreça  
Itapuã, dos coqueirais  
Itapuã, do Abaeté  
Itapuã de Dorival e Vinícius  
Dos baianos, e do acarajé  
(JORGE, 2014).

As canções do grupo são cantadas coletivamente, em coro, em apresentações dançantes e bastante lúdicas. A maneira singular de apresentação do grupo lhes rendeu ao longo dos seus dezoito anos de história prêmios e reconhecimento nacional. Em *Ganhadeiras (2021)*, site oficial do grupo onde foi desenvolvida uma linha do tempo e um museu virtual, é possível acompanhar de maneira resumida a trajetória do grupo. Surgindo em 2004 o grupo só gravou o seu primeiro álbum em

2012 e lançaram em 2014, mas antes desse importante momento elas já colhiam frutos do seu trabalho.

Em 2006 o grupo começou a crescer de maneira exponencial. Além de conquistarem uma notoriedade cada vez maior em eventos tradicionais da cultura popular de Salvador, como o cortejo da Lavagem de Itapuã e o Carnaval com participação no bloco afro Malê Debalê inclusive, em 2006 as Ganhadeiras participaram de eventos locais com projeção internacional, como o 13º PercPan – Panorama Percussivo Mundial, em uma participação especial com Gustavo Di Dalva e Bacia Sonora, e ainda nesse ano, pela primeira vez, fizeram uma apresentação fora da Bahia, no III Encontro Afro-Goiano, realizado no estado de Goiás.

Em Ganhadeiras (2021), é ilustrado que cada vez mais conhecidas e reconhecidas no universo das culturas populares “As Ganhadeiras de Itapuã”, em 2007, participou do VII Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, evento que reúne grupos e representantes de culturas tradicionais de todo o Brasil. Ao lado de grandes representantes da música brasileira como Margareth Menezes, Mariene de Castro, Gerônimo e Saul Barbosa, o grupo se apresentou no palco do maior teatro da capital baiana, o Teatro Castro Alves (TCA) no Show das Águas, espetáculo dedicado ao Dia Mundial da Água. No final de 2007 o grupo comemorava a conquista do seu primeiro grande prêmio, o Prêmio Culturas Populares 2007 – Mestre Duda 100 Anos de Frevo, da então Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural do Ministério da Cultura. O prêmio, dedicado ao reconhecimento de iniciativas que contribuem para a difusão dos saberes de tradições das culturas populares, era também a prova de um reconhecimento nacional.

Em 2009 participaram da gravação do DVD de Mariene de Castro, também no TCA, conquistando ainda mais visibilidade. Em 2012, como citado previamente, gravaram o seu primeiro álbum de estúdio, com produção musical de Alê Siqueira e direção musical de Amadeu Alves, a realização do CD foi resultante de recursos provenientes do Fundo de Cultura, do Governo do Estado da Bahia (2011), e as gravações foram feitas no estúdio Coaxo do Sapo em Jacuípe, BA do cantor e compositor Guilherme Arantes. Completando dez anos de história em 2014, dois anos depois da gravação, lançaram o seu CD intitulado “As Ganhadeiras de Itapuã”,

Após o lançamento do álbum, no ano seguinte, muitas conquistas e premiações foram recebidas. Ainda de acordo com Ganhadeiras (2021), em maio veio a primeira

premiação. Após quatro indicações para o Prêmio Caymmi de Música, Melhor Show, Direção Musical (Amadeu Alves), Direção Artística (Salviano Filho) e Produção (Jenner Salgado) o grupo saiu vitorioso com o prêmio de Melhor Produção para Jenner Salgado. Também foi nesse mês que o grupo participou do 1º Festival da Música Ilimitada, realizado no Cine Teatro Solar Boa Vista (Salvador, BA) e, mais uma vez, saiu vitorioso após uma votação popular.

Fora do estado da Bahia também houve reconhecimento. Ganhadeiras (2021) mostra que em junho receberam três indicações para a 26ª edição do Prêmio da Música Brasileira: Melhor Álbum e Melhor Grupo, na Categoria Regional, e Revelação. A cerimônia de entrega foi realizada no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, e o grupo saiu vitorioso pelas duas primeiras indicações. Ainda em 2015, já em novembro e novamente no Rio de Janeiro, as Ganhadeiras se apresentaram a convite do 53º Festival Villa Lobos com canção “Trenzinho do Caipira”, clássica do repertório de Villa-Lobos, experiência considerada um marco na trajetória do grupo.

Em 2016, outro importante acontecimento para a carreira do já renomado grupo. As itapuãzeiras se apresentaram nos Jogos Olímpicos Rio 2016. Primeiro realizaram um show receptivo do Comitê Olímpico Internacional, na Cidade das Artes e em seguida, na cerimônia de encerramento interpretaram a música “Mulher rendeira”, no estádio do Maracanã. Todas vestidas em um traje branco de renda, criado especialmente para o evento pela carnavalesca Rosa Magalhães, “As Ganhadeiras de Itapuã” mostraram no palco a beleza da cultura do Nordeste, mas também a força do trabalho realizado pelas mulheres ganhadeiras de todo o Brasil.

A última grandiosa e mais recente conquista do grupo aconteceu em 2020. “As Ganhadeiras de Itapuã” foram fonte de inspiração para o tema apresentado pela Escola de Samba Unidos do Viradouro no Carnaval 2020 do Rio de Janeiro. Com o enredo “Viradouro de alma lavada”, uma referência à música “Com a alma lavada” de Jenner Salgado, a história de luta e resistência dessas mulheres agora foi contada no Sambódromo e após 23 anos sem ganhar nenhum título, a Unidos da Viradouro saiu vitoriosa no Carnaval de 2020. Esse acontecimento é um motivo de orgulho muito grande para o grupo.

Apesar das importantíssimas conquistas e da visibilidade alcançada pelo grupo ao longo da sua história, nos bastidores existem alguns desafios e dificuldades enfrentados pelo grupo que inquietam essas senhoras, como relata Mucuna (2022) a seguir:

A gente sabe muito bem como é que funciona a valorização da cultura aqui em Salvador, na Bahia. O nosso grupo já tem 18 anos, até hoje a gente luta pela nossa sede, nós já ganhamos dois prêmios da música popular brasileira, nós já fomos campeãs da escola de samba do Rio de Janeiro, já ganhamos vários prêmios, ganhamos o prêmio Caymmi, e assim, o que é que falta para o Governo da Bahia nos dar a nossa sede que nós precisamos? O mínimo que merecíamos era termos a nossa sede e o governo estar bancando cada uma dessas mulheres com um salário. O que é que está faltando? Não entram mais integrantes no grupo pois não temos mais condição de manter, nós nos autossustentamos. É muito gasto manter um grupo com 40 pessoas (MUCUNA, 2022. Informação verbal).

A inquietação de Verônica não as esmorece. Elas sabem o que querem, sabem aonde ainda querem chegar e seguem trabalhando em equipe para alcançar esses objetivos. Histórica e culturalmente essas mulheres aprenderam a resistir e a ir à luta com sorrisos nos rostos, suas vidas pessoais e suas vivências também são prova disso, como tornar-se-á conhecido a seguir.

### 5.3 AS INTEGRANTES: ANCESTRALIDADE E COTIDIANO

Anteriormente foram apresentadas as características do grupo, sua história, premiações, a sua trajetória artística etc., mas quem são as mulheres ganhadeiras e itapuãzeiras no cotidiano, que estão por trás das músicas e apresentações artísticas? Como são os seus costumes, as suas atividades diárias, a sua forma de viver, de se vestir? Nesse momento conheceremos e tornaremos as ganhadeiras tocáveis e reais, através da descrição dessas mulheres no dia a dia de maneira que proporcione ao leitor a imaginação e torne palpável a ideia de conhecê-las na prática.

Válido destacar que os relatos e afirmações a serem feitos nessa seção partem da observação informal desempenhada pela escritora em momentos de entrevistas efetuadas para esse fim e observações do cotidiano, já que a escritora é residente do bairro de Itapuã e em muitos momentos encontra com algumas das ganhadeiras nas ruas e mercados, por exemplo. Foram captadas falas, gestos, comportamentos e ações para que dessa forma o leitor se sinta parte do bairro e se sinta próximo delas.

Jaciara dos Santos, Ivanir Conceição, Teresa Conceição, Herondina Reis Soares, Juliana Alves, Verônica Raquel Mucuna, Teresa Cristina, Ana Clara, Raimunda, Mariinha, Eunice Jorge dos Santos – conhecida como Dona Nicinha e que, infelizmente, faleceu em julho desse ano. A autora dessa monografia gostaria de deixar registrado aqui todo o respeito e todo o sentimento a família Ganhadeiras por

essa grande perda – Maria de Xindó, Amália, Rachel, Lucinha, Driele, Geiza, entre outras igualmente incríveis mulheres, jovens e idosas, compõem “As Ganhadeiras de Itapuã”.

Mulheres negras, muitas delas mães e avós. Nos palcos usam saias longas floridas, turbantes igualmente coloridos, as camisas ou as “batas” sempre brancas rendadas. Sempre vaidosas usam bastante o batom vermelho, lápis de olho, sombras para as pálpebras, brincos, pulseiras e colares de contas, além das unhas bem-feitas e os pés descalços desenhando e marcando o chão.

Teresa Conceição não é muito diferente na sua vida diária. Mulher alta de pele morena, de voz ecoante, cabelo de comprimento mediado, castanho e ondulado. Ganhadeira na arte e na vida ela é, há anos, uma das baianas de acarajé mais conhecidas de Itapuã. Sempre na feira e nos mercados, com sua sacola de pano de baixo do braço, escolhendo os alimentos e temperos frescos para o seu ganho. Mulher séria ao caminhar nas ruas, Teresa também é de muitos conhecidos e quando conversa com alguém que ocasionalmente encontra, abre um sorriso largo.

Vaidosa também no dia a dia, na maioria das vezes é vista com um pano estampado na cabeça como se fosse uma tiara. De olhar profundo, mulher de axé, de muita fé e certeza. Não perde uma Lavagem de Itapuã, está sempre presente ajudando a lavar as escadas da igreja mostrando a sua paixão pelo seu lugar. Em relato coletado em março desse ano, Teresa deixou esse amor explícito quando revelou que “não sairia daqui para tomar banho no mar da Barra, porque o meu mar aqui é bem mais bonito e melhor do que o de lá. Eu saio daqui para outros estados e não tomo banho de mar. Eu não boto o meu pé na água, o meu mar é muito melhor. Não existe praia melhor do que a de Itapuã.”

Dona Maria de Xindó, uma das mais antigas ganhadeiras, é senhora que exala serenidade e tranquilidade. Ela é mãe e avó. Mora bem pertinho do Abaeté, em uma casa no meio da ladeira de uma rua tranquila, com árvores ao redor e bancos de madeira na varanda que já serviu de ponto de encontro para o grupo diversas vezes. Pele negra, cabelos, cílios e sobrancelhas branca, com seus óculos de grau, é sempre muito simpática e cuidadosa em suas palavras e em seu tratar com o outro. Não é muito vista nas ruas principais de Itapuã. Em algumas músicas do grupo a sua voz é a principal, voz forte, de senhora, que arrepia e impressiona. Lavou muita roupa na Lagoa do Abaeté antigamente e hoje se orgulha em contar a sua história e em dizer que muito do que tem hoje provem da sua vida no ganho.

A dona Mariinha é também filha de Itapuã, mãe e avó. Cabelos bem brancos, estatura baixa e firmeza ao falar. Em entrevista realizada com alguma das integrantes do grupo em 2018, pela mesma autora dessa pesquisa e para o seminário interdisciplinar da mesma universidade, a Mariinha estava presente e muitos dos seus gestos ficaram marcados na memória, como por exemplo o seu olhar voltado aos detalhes que a rodeavam e como ela expressava a sua opinião de maneira certa, sem dúvidas, segura. Com os dedos entrelaçados, sempre olhava nos olhos ao responder alguma pergunta e com o seu neto no colo sempre lhe dava beijos, mostrando o quão zelosa era.

Personalidade marcante é a de Verônica Raquel Mucuna. Orgulhosamente filha de Itapuã, negra retinta, filha de Dona Iraci e S.r. Zemar, também nascidos e criados no bairro, é mãe de Benjamin e se intitula como artista sem conserto desde o dia que nasceu. Além de ser Ganhadeira de Itapuã tanto artisticamente quanto socialmente, é sambadeira e leva este legado no sangue com muito orgulho. É cantora que canta suas histórias e compõe sobre seus sentimentos. Atriz, Verônica estreará em uma série da TV Cultura sobre a "Independência do Brasil" onde viverá a heroína negra Maria Felipa de Oliveira. É artesã em seu empreendimento denominado "Afruxiqueira" onde produz com outra artesã, peças em fuxico que a conectam com a arte tradicional de Itapuã.

Comunicativa, bonita e de sorriso aberto, Verônica encanta com o seu samba leve, mas também dança outros ritmos. Sempre presente no Abaeté, lutando, defendendo e resistindo por aquele espaço, ela se orgulha em fazer parte desse processo de resistência que a Lagoa enfrenta. Vista em festas nos arredores, com seus cabelos de *dread* ou suas tranças dançando em conjunto a ela, Mucuna é expressividade, é alegria e certeza.

Existem dezenas de outras ganhadeiras que merecem destaque, tanto que essa monografia poderia tornar-se um livro apenas para esse momento. São todas diferentes em vários aspectos, cada uma em seu universo, mas com particulares que as une. Personalidades fortes, marcantes que provoca a troca de aprendizado entre elas próprias primeiramente, para que em seguida esse compartilhamento que já dura anos, transborde em arte e cultura para a sociedade.

## 6 RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO

Para escolher cada pessoa entrevistada houve fatores que foram determinantes e levados em consideração. Com relação aos integrantes do grupo, pensou-se naqueles que possuem mais tempo na organização atuando nos bastidores, como é o caso dos produtores Salviano e Amadeu, e atuando também na linha de frente lúdica, como a ganhadeira Verônica Mucuna. Além desse ponto, também foi importante pensar na participação e influência que cada um dos escolhidos e entrevistados desse grupo tem para o próprio grupo.

A ganhadeira Verônica, por exemplo, tem uma tia que foi importantíssima para o processo de nascimento do grupo, sendo ela, a Verônica, conseqüentemente parte desse processo também, já que desde muito nova frequentava os ensaios e reuniões devido a essa sua tia, a Ana Maria. O Salviano, na produção artística, também nativo de Itapuã há 52 anos no bairro, esteve diretamente ligado ao grupo desde o surgimento deste, juntamente com o Amadeu Alves que atua na produção geral, compondo diversas das canções das Ganhadeiras.

Com relação aos moradores do bairro e da comunidade, o principal critério para escolha dos entrevistados foi o tempo que possuem como residentes da localidade, dando ênfase aos que possuem mais tempo de bairro por terem visto e, de alguma forma direta ou indireta, vivenciado o processo de degradação da Lagoa do Abaeté. Nesse momento, foram entrevistadas quatro pessoas, entre o dia vinte e oito de maio até o dia primeiro de julho. A Eunice Santiago, popularmente conhecida como Dona Nice, que mora no Abaeté há quarenta anos, o Antônio Carlos Oliveira de Santana que possui um pouco mais de tempo na região em comparação com a anterior, sendo residente de Itapuã há cinquenta anos, a Juliana Santos, com trinta e dois anos no bairro e a Daniele Souza com vinte anos de residência na comunidade do Abaeté.

O dia vinte e oito de março foi o principal para coleta de informações referente as ganhadeiras, nesse dia a autora da monografia foi ao Abaeté, encontrando o grupo e o produtor artístico sentados a beira da Lagoa.

Eles estavam lá para conceder, também, uma outra entrevista para o perfil online Mulherial, que levanta discussões em que as mulheres negras são o centro. Ao conversar com o Almeida Filho (2022) sobre a necessidade de captar algumas imagens, fazer perguntas e estar *in loco*, o convite surgiu por parte dele com muita tranquilidade e simpatia. Nesse dia, foi realizada a entrevista com a Verônica Mucuna

e foi ainda obtido o registro de imagens vistas no trabalho, a observação das minuciosidades da Lagoa do Abaeté e a captação de demais informações através da contemplação formal e informal.

Ao longo do processo de entrevistas todos os abordados aceitaram participar. Devido a ocupação de cada um, o tempo necessário para realizar as perguntas e registrar as respostas variou entre um dia e até mesmo duas semanas, no caso do Amadeu Alves por exemplo. As únicas entrevistas realizadas pessoalmente foram a da Verônica e do Almeida Filho, todas as outras foram via WhatsApp.

Foram desenvolvidas as quatro perguntas a seguir, aplicadas igualmente para todos os entrevistados:

- a) Como você enxerga a atual situação do Abaeté?
- b) Para você, quais foram as possíveis causas do Abaeté chegar a esse ponto?
- c) No seu ponto de vista, quais seriam as prováveis soluções?
- d) Qual é o papel da cultura e do turismo para uma possível revitalização do local?

Nas próximas quatro seções deste capítulo, serão vistas as respostas de cada grupo previamente citado, sendo apresentadas e confrontadas as opiniões dessas pessoas para cada pergunta acima.

## 6.1 SITUAÇÃO DO ABAETÉ: MUITO TRISTE

“Triste” foi a palavra mais ouvida ao realizar a primeira pergunta da entrevista desenvolvida com os participantes desse momento da pesquisa. Todos os entrevistados possuem uma relação afetiva, de pertencimento com o bairro de Itapuã sendo que alguns deles viveram e viram o Abaeté chegar à situação que chegou, o que é o caso do Antônio Carlos, que proporcionou grande parte da infância das suas duas filhas na Lagoa, levando-as nas tardes de domingo para andar de bicicleta e comer algodão doce. Além de ser um antigo frequentador dos barzinhos que havia no Abaeté, de ouvir a música local, de conversar com pescadores e até mesmo de ver apresentações das ganhadeiras ali, Carlos diz que:

A atual situação do Abaeté me deixa muito triste, é uma situação que por falta de, acredito que por falta do interesse público, infelizmente deixar de investir numa área tão rica, tão bonita, gerando prejuízo cultural, financeiro, visto que alguns empresários montaram suas lojas no shopping e infelizmente foi um investimento que, a princípio, com certeza, só gerou prejuízo. E para a comunidade local, né? Visto que, também, pequenos comerciantes, se

aproveitavam da quantidade do público, de turistas, e era uma fonte de renda. Em resumo: só prejuízo, muito triste a situação do Abaeté (SANTANA, 2022. Informação verbal).

Outra resposta curta e expressiva, também de outro morador do bairro, é a da Dona Nice. Mãe e avó, itapuãzeira há quarenta anos e residente bem próxima da Lagoa do Abaeté, primeira entrevistada do trabalho em vinte e oito de maio, ela entende que essa situação revela que a lagoa está depreciada. Já viu muita coisa de boa acontecer nos arredores, muita felicidade, muitas comemorações, caravanas de turistas chegando para passar o dia no local e hoje esse cenário a deixa muito chateada.

Em concordância com Dona Nice e com Carlos, está a Daniele, entrevistada primeiro de junho, que apesar de ter menos tempo no bairro com relação aos anteriores, também se sente decepcionada e revela que esse contexto é de puro abandono e descaso. Daniele é uma mulher que trabalha no comércio local, no final de linha do Abaeté, ela tem uma pequena banca de salgados, doces, cigarros e variedades e é com muita tristeza que ela observa o movimento cair cada vez mais numa localidade em que ela voltava para casa sem nenhuma mercadoria, afinal de contas, os turistas e visitantes consumiam tudo e em alguns dias como finais de semana, ela precisava até encerrar mais cedo a sua atividade. Hoje essa realidade está distante.

Juliana, cujo relato foi coletado no dia dois de junho, assim como Daniele usa a palavra abandono para resumir a situação. Ela é uma senhora, tem trinta e dois anos morando no Abaeté e se sente segura para afirmar que o lugar atualmente está absolutamente abandonado, ainda que seja um ponto turístico e que essa circunstância é de veras triste. Mãe de dois filhos, passava quase todos os finais de tarde com as crianças no lugar, mas a violência foi passando a não deixá-la mais confortável para fazer isso, o que ela resume como “uma pena”.

Nenhum dos moradores tiveram opiniões destoantes. Todos concordam que o Abaeté está em situação crítica. O diretor musical do grupo “As Ganhadeiras de Itapuã”, Amadeu Alves não foi diferente em seu posicionamento. Amadeu mora em uma grande e bonita casa branca e verde, com vários cachorrinhos e variedade de plantas e árvores, casa bem localizada na Avenida Dorival Caymmi em que nos domingos ele gosta de promover um bazar beneficente. Pai de Juliana Alves, que é ganhadeira, e morando há muito tempo no bairro, Amadeu tem uma visão crítica

relacionada a Itapuã e ao Abaeté e ele tem muito o que contar, afinal de contas muita da inspiração que ele teve ao criar o grupo foi proveniente da sua vivência no bairro. Ele respondeu a primeira pergunta da entrevista no dia primeiro de julho, afirmando que “O Abaeté é lindo por natureza, a questão é social, estrutural, e fica num limbo, sem dar condições do público aproveitar nem a beleza natural, nem a programação cultural, esportiva.”

Almeida Filho é pai de um casal, morador de Itapuã há cinquenta e dois anos e é bastante popular no bairro. Mora numa rua sem saída bem próxima a Dorival Caymmi também, com sua esposa e um bonito Golden Retriever cor de mel. Almeida Filho foi professor de artes em um colégio do bairro por muitos anos e essa atribuição o rendeu muitos conhecidos. Usou dreads por longos anos e era identificado por muitos por causa dos seus dreadlocks grisalhos. Sempre ativo e influente nas questões polemicas e críticas relacionadas a Itapuã e ao Abaeté, ele responde a primeira pergunta no encontro de março citado previamente, afirmando com poucas palavras que a situação é caótica, triste, de total descaso e abandono.

Verônica Mucuna (2022), no encontro realizado em março, enquanto ganhadeira, filha e neta de nativos de Itapuã também tem posicionamento firme a respeito desse quadro. Apesar de achar triste, assim como os outros entrevistados, ela traz um ponto ainda não levantado, afirmando que “o fato de hoje esse território sagrado estar abandonado é, também, por falta desse sentimento de pertencimento por parte da comunidade, por todo mundo achar que aqui é violento etc.”

A partir do confronto entre as respostas obtidas com a primeira pergunta da entrevista, a seguir será visto o que essas pessoas pensar sobre as possíveis causas para o Abaeté chegar a esse ponto.

## 6.2 AS CAUSAS: QUESTÕES POLÍTICAS

Sobre as possíveis causas do Abaeté chegar onde chegou, existem algumas respostas ligeiramente diferentes, mas que também querem dizer o mesmo em outras palavras. Ativo em leituras sobre política, Antônio Carlos não tem dúvidas:

Acredito que, com certeza, a responsabilidade cai sobre o poder público. A população paga seus impostos para ter suas coisas, suas áreas de lazer, e infelizmente por incompetência ou até por algum viés político, deixaram uma área tão bonita vir a se deteriorar (SANTANA, 2022. Informação verbal).

Dona Nice, em sua percepção, acredita que entre as causas que acabaram deixando o Abaeté nesse contexto estão a falta de manutenção e de cuidados por parte das autoridades responsáveis, atribuindo a esses últimos a maior parcela de culpa, pois para ela o poder está na mão deles. Ela acha um absurdo que o Abaeté nem esteja nas principais pautas de conversa dos políticos locais, nem mesmo vereadores. Daniele, além de também falar do esquecimento e da culpa do poder público, destaca a falta de segurança como outro relevante motivo. Para ela, a segurança é algo básico para se viver bem em sociedade e para disfrutar de praças de parques com idosos e crianças, o que ela não identifica na Lagoa da Abaeté atualmente, muito pelo contrário, relata que já foi vítima e já presenciou assaltos, além de ouvir seus vizinhos dividirem os mesmos tipos de relatos.

Juliana, por sua vez, destaca a falta de investimento como principal causa para a infeliz situação do bonito local, observando que há tempo não vê mudanças nas cercanias relacionadas a infraestrutura e a lazer, para ela tudo está do mesmo jeito por um bom tempo e isso a faz perceber que não tem investimento atual voltado para o Abaeté, o que escancara o seu esquecimento.

Com opinião forte, polêmica e cheia de insatisfação, Amadeu se estende em sua resposta, falando com detalhes sobre o seu ponto de vista, que também toca na política:

Uma série de questões, mas podemos ver que vivemos numa sociedade adoecida, onde quem está no lugar de poder trabalha pela sua perpetuação naquele lugar, fazendo o jogo de cooptar os ditos líderes comunitários para trabalhar em seu benefício, e os ditos líderes, na sede de poder, vão entrando no jogo, em detrimento do real interesse da comunidade. Então, ao longo das últimas décadas o Abaeté passou por uma situação crítica de invasões, depois por um projeto de parque metropolitano que não foi sustentável, na sequência por um período de abandono, amenizado pelo trabalho feito pela minha gestão na Casa da Música por 13 anos, e atualmente entrando numa nova etapa, que ainda não está claro para onde está caminhando (ALVES, 2022. Informação verbal).

Verônica diverge um pouco da maioria ao afirmar que para ela grande parte da culpa é da população local. Apesar de também atribuir a culpa principal aos poderes públicos, segundo Mucuna sem participação ativa do povo nada funciona, a exemplo da poluição. Quem joga lixo na Lagoa, na areia, na grama não são poderes públicos, são as pessoas que visitam o lugar e não tem a consciência ecológica e o cuidado com o espaço, afirma e ressalta que a comunidade precisa se unir. Esse ponto relacionado a poluição e a comunidade é importante para Verônica que toca nesses

assuntos diversas vezes, pois para ela é inadmissível que muitos nativos como ela, seus pais e tios não se importem e não se sintam um pouco responsáveis pela situação enfrentada pelo Abaeté.

Já o produtor artístico Almeida Filho atrela as causas do abandono do Abaeté a alguns pontos que acabaram agindo como um efeito dominó:

A falta de políticas públicas voltadas principalmente para área de segurança, o crescimento desordenado da especulação imobiliária e o abandono político do bairro de Itapuã em si, fez com que o Abaeté fosse retirando da rota das empresas de turismo, esse foi um duro golpe no comércio local, que não teve como se sustentar, muitos dos permissionários tiveram que entregar seus pontos comerciais (ALMEIDA FILHO, 2022. Informação verbal).

Os entrevistados, que não foram colocados frente a frente em nenhum momento, uma vez mais acabam pensando de forma similar nesse outro momento da discussão.

### 6.3 PROVÁVEIS SOLUÇÕES: COMUNIDADE E INVESTIMENTO

Perguntados sobre as prováveis soluções em seus particulares pontos de vista, os entrevistados apresentaram comportamento semelhante ao responder, levando um pouco mais de tempo pensando em que responder dar, alguns estendendo-se mais, outros sendo apenas diretos e decididos. Como Amadeu que se limitou a dizer que bons gestores públicos combinados com uma sociedade organizada, que consiga desenvolver um projeto comum seria o ideal para tentar ajudar a solucionar esse desafio.

Já Verônica, fazendo um link com a pergunta anterior, reflete sobre o que ela pensa e o que gostaria de ver acontecendo para que esse problema fosse resolvido colocando a comunidade e o grupo como protagonistas dessa ação:

Eu acho que o sentimento de pertencimento vem a partir da vivência e convivência. Ao mesmo tempo me pergunto o que fazer para essas pessoas passem a ter, ou resgatem, esse sentimento de pertencimento. É promover vivências! A vivência vai promover o amor que a gente está deixando de disseminar por conta dessa desconexão. Com o que você está falando Aila, me remeteu a uma ideia, onde a gente pudesse reviver um pouco do que acontecia no passado, algumas do lado de lá, outras do lado de cá, simulando a lavagem, e aí uma vai chegando cantando e a outra já responde daqui, e nisso, como é uma rota turística, isso poderia ocorrer com horas marcadas tipo “as 14h, espetáculo ao céu aberto com as Ganhadeiras de Itapuã”, aí o turista vem, desembarca aqui e olha lá aquele cenário! Roupas estendidas, mulheres lavando, cantando, sabe? (MUCUNA, 2022. Informação verbal).

Almeida Filho Filho respondeu em tópicos rapidamente e com muita certeza, contando em seus dedos quais seriam para ele as possíveis soluções: Medidas de segurança ostensiva; A retomada das rotas turísticas; Reforma de bares, lojas e restaurantes; Limpeza e manutenção da lagoa e seu entorno; Ativação das atrações culturais locais.

A resposta de Santana (2022), parte de uma comparação. Ele diz que deveria ser possível tomar como exemplo o Pelourinho e o investimento pesado em revitalização que foi feito lá, tentar reerguer o mini shopping que tem no Abaeté por exemplo, tentar colocar apresentações de capoeira, revitalizar a casa de música etc. Para ele, existem várias opções que podem ser implementadas onde o turismo e a comunidade local ganhe com isso.

Daniele não se distancia da maioria ao responder que uma provável solução para a situação seria mais policiamento no local, uma revitalização “de tudo”, com ênfase na parte do comércio que, para ela era uma das melhores partes do Abaeté e que está totalmente abandonado, prejudicando muito os pequenos empresários locais. A nativa Dona Nice foi ligeira em revelar a sua opinião, que com poucas palavras resumiu de alguma forma o que Carlos quis dizer, destacando que o que seria preciso era uma revitalização geral e projetos culturais inteiramente voltados ao local. Assim como Juliana que fala que um olhar mais atento a comunidade e dinheiro para investir na revitalização turística e ambiental da Lagoa do Abaeté seria o conjunto ideal que certamente, a longo prazo, daria resultado.

Nessa pergunta em que os entrevistados precisaram pensar no que eles pensam e/ou fariam para possivelmente solucionar essa complexa série de contratempos que assolam a Lagoa do Abaeté, eles mantiveram o padrão observado até então de respostas semelhantes.

#### 6.4 CULTURA E TURISMO: FUNDAMENTAIS

A última das quatro perguntas da entrevista realizada com integrantes do grupo e com moradores locais do bairro foi voltada ao papel da cultura e do turismo para uma possível revitalização da Lagoa do Abaeté e aqui os entrevistados foram unânimes. Santana (2022) não hesita em afirmar que:

Sem sombra de dúvida o turismo é um dos pilares, que pode ser fomentado para reerguer esse ambiente tão rico, tão bonito. Claro, que atrelado a

segurança e como disse também, apresentações culturais, o turismo com certeza vai ajudar bastante nessa futura revitalização, se Deus quiser! (SANTANA, 2022. Informação verbal).

A mesma emoção é transmitida por Amadeu Alves que com palavras marcantes levanta um outro importante debate ao responder que:

A cultura é o ponto fundamental. E para isso é importante saber o que é cultura. Existe a cultura da violência, da degradação. E nós precisamos da cultura da construção, do entendimento, do respeito, da simplicidade, da beleza, da valorização da história, das tradições locais, do humano, e por aí vai. É uma batalha atrás da outra, mas a gente chega lá, com boas ideias, respeito, união (ALVES, 2022. Informação verbal).

Igualmente com emoção e envolvimento em suas palavras, Almeida Filho (2022) fala esperançoso e seguro:

É de fundamental importância o incentivo e as políticas públicas voltadas para a cultura, pois desta forma os grupos locais têm como ajudar na revitalização deste ponto turístico com tanta atração natural, e que foi abandonado cruelmente. O nosso bairro é rico culturalmente, mas os grupos precisamos de maior incentivo e investimento financeiro para que possam existir e de fato entrar na luta pela revitalização do Abaeté (ALMEIDA FILHO, 2022. Informação verbal).

Verônica quis responder essa pergunta exemplificando com um caso real que relaciona a pergunta com o grupo e com uma possível solução para o Abaeté:

Um dia desses, a gente participou de um projeto da Afro Bis, um projeto com afro empreendedores de três bairros, Pelourinho, Rio Vermelho e Itapuã, e o pessoal da primeira turma criou um grupo onde estávamos trilhando uma rota para Itapuã/Abaeté. As comunidades, os guetos, tem muita coisa para se ver aqui na região do Abaeté, na baixa da Soronha, tem um mocotó incrível, mas as pessoas não sabem, tem medo de descer para conhecer. Precisamos ter essa interação, esse diálogo com a comunidade, para que se crie uma rota turística. O turismo é essencial, e o turismo está ligado a cultura. Não consigo pensar numa solução para tudo isso sem pensar em turismo e cultura (MUCUNA, 2022. Informação verbal).

Dona Nice, enquanto moradora antiga da localidade, responde revelando o seu desejo de que o turismo volte a ser forte no Abaeté, como ela já viu antes ser, que voltem as visitas e o movimento, sempre respeitando o meio ambiente ela diz que também gostaria de ver feiras, apresentações de dança e capoeira porque tudo isso é cultura e para ela “a cultura deixa as coisas bonitas”.

Daniele pensa na comunidade sendo parte do turismo e da cultura como solução para os problemas ali existentes de forma que o turismo traga oportunidade de renda para as famílias e movimentação lucrativa para o comércio. Assim como

Juliana que pensa da mesma forma, destacando que cabe as autoridades do setor turístico cobrar de outras autoridades responsáveis uma possível solução para a revitalização do Abaeté, não apenas excluir o lugar dos seus roteiros como se ele nunca tivesse existido, pois para ela o Abaeté existe, é real e sempre existirá.

Com essa última pergunta e ao realizar a entrevista com cada um dos, cuidadosamente selecionados, entrevistados nota-se que estes compartilham de sentimentos, sensações e opiniões parecidas. Essa realização auxilia demasiadamente a conclusão da presente monografia, afinal de contas entende-se que esse fato não é um acaso.

## 7 CONCLUSÃO

Após a pesquisa, o estudo e a minuciosa observação realizada em cada uma das etapas da monografia chegou-se à conclusão de que, lamentavelmente, sem o auxílio e sem a participação do estado, da prefeitura e demais entidades governamentais, a possibilidade da revitalização turística da Lagoa do Abaeté analisando o papel do grupo “As Ganhadeiras de Itapuã” nesse processo, torna-se uma tarefa árdua, irreal e limitante.

Apesar da profunda riqueza, significância e importância constatada do referido premiado grupo, este por si só não dispõe de recursos suficientes para revitalizar turisticamente um lugar que nem mesmo é citado nos documentos oficiais de planejamentos da cidade. O grupo já enfrenta os seus próprios desafios de manutenção interna com seus mais de quarenta integrantes, não tendo condição de assumir um compromisso como esse sem apoio moral e financeiro. Questionou-se então se o papel da comunidade, que revela-se tão desalegre diante e revoltada dessa situação, não seria poderoso o suficiente para reverter esse caso, mas infelizmente o cenário de violência os faz sentir inseguros de atuar em algum projeto na localidade e a ausência do sentimento de pertencimento em alguns, os distancia da possibilidade dessa solução.

A situação é entendida como um grande desafio, afinal de contas muitos interesses políticos estão por trás do abandono do Abaeté, interesses que são mascarados e não se revelam por pessoas que não aceitam nem mesmo dar as suas consequentes opiniões em entrevistas.

Ao longo do trabalho foi proporcionado o entendimento da utilização da cultura como recurso e exemplos reais da sua aplicação, e em todos os casos em que houve a participação da população e/ou algum tipo de manifestação cultural, a participação de entidades governamentais, ainda que mínima, esteve presente. Atualmente na Lagoa do Abaeté as ações de manutenção periodicamente realizadas são basicamente relacionadas a limpeza da lagoa, retirando o excesso das baronessas. Nada além disso. Não foram obtidos registros na pesquisa que explorou os documentos governamentais, e nem através dos relatos populares de algum outro tipo de ação para a revitalização turística do Abaeté.

A ideia de Verônica Mucuna registrada em sua resposta a quarta pergunta da entrevista aplicada, é considerada muito pertinente e interessante, pois toca no segmento do turismo de experiência, mas somente o grupo e a comunidade não possuem meios hábeis para esse fim. Essa sugestão, no ponto de vista da autora desse trabalho, aliado a uma ação de intervenção governamental poderia ser uma boa solução para o problema levantado na monografia.

Atrela-se então a maior responsabilidade para a impossibilidade da solução do problema apresentado nessa pesquisa aos poderes públicos, pois foi captado nos sinceros, entristecidos e profundos depoimentos das ganhadeiras – através, também, da observação informal de breves comentários feitos entre elas no dia vinte e oito de março, dos olhares e até mesmo dos acenos desgostosos – e da comunidade local, o quanto que esse descaso é real no dia a dia. A autora confirma esse sentimento ao nem se quer obter um retorno para as tentativas de contato realizadas com esses profissionais ao longo do processo.

Acredita-se, finalmente, que a possibilidade da revitalização turística da Lagoa do Abaeté teria tudo para ser real se dependesse apenas do entusiasmo, do amor e do sentimento de pertencimento que as mulheres integrantes do grupo sentem pela localidade. Se dependesse apenas delas, a Lagoa voltaria a reluzir extraordinariamente, em todos os sentidos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, S. **Depoimento**. [mar, 2022]. Entrevistador: Aila Conceição de Santana. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2022. 1 arquivo. Mp3 (6 min e 21s). Entrevista concedida para a pesquisa sobre a possibilidade da revitalização turística da lagoa do Abaeté em Salvador, Bahia.

ALVES, A. **Depoimento**. [jul, 2022]. Entrevistador: Aila Conceição de Santana. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2022. Questionário Eletrônico (4 questões). Entrevista concedida para a pesquisa sobre a possibilidade da revitalização turística da lagoa do Abaeté em Salvador, Bahia.

ANDRADE, M. M. **Introdução a metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2003.

AVANZO, P.E. **Importância da geologia nos estudos de impacto ambiental. Abaeté, um exemplo**. Centro Editorial e Didático da UFBA, Salvador, 1988.

BOTELHO, I. **Criatividade em pauta: alguns elementos para reflexão**. Plano da Secretaria da Economia Criativa, 2011.

CANEDO, D. **“Cultura é o quê?” - reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos**. V ENECULT, Salvador, 2009. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19353.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2022.

CAYMMI, D. **A Lenda do Abaeté**. Canções Praieiras. Salvador: Odeon, 1954.

CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CONCEIÇÃO, T. **Depoimento**. [mar, 2022]. Entrevistador: Aila Conceição de Santana. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2022. 1 arquivo. Mp3 (1min 17s). Entrevista concedida para a pesquisa sobre a possibilidade da revitalização turística da lagoa do Abaeté em Salvador, Bahia.

COSTA, M. V.; WORTMANN, M. L. C.. Entrevista com George Yúdice: A cultura como recurso – desdobramentos dos Estudos Culturais. **Educação**, Porto Alegre, v. 38, p. 14-20, 2015. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/>>. Acesso em: 24 jun. 2022.

COSTA, M. V.; WORTMANN, M. L. C.. Entrevista com George Yúdice: A cultura como recurso – desdobramentos dos Estudos Culturais. **Educação**, Porto Alegre, v. 38, p. 14-20, 2015.

EAGLETON, T. **A Ideia de Cultura**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

EDELWEISS, F. **Camaragipe e a lagoa do Abaeté**. Salvador: Centro de Estudos Baianos, 1969.

FERREIRA, A. M. Turismo, Cultura e Regeneração Urbana: O renascimento das pequenas e médias cidades. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, v. 20, p. 31-39, 2013.

GANHADEIRAS DE ITAPUÃ: **Linha do Tempo**. Salvador, 2021. Disponível em:<<https://ganhadeirasdeitapua.org/>>. Acesso em: 1 jun. 2022.

GASPAR, J. V et al. A revitalização de espaços urbanos: O case do Centro Sapiens em Florianópolis. **Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo**, v. 2, n. 4, p. 183-205, 2017.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOODE, W.J.; HATT, P.K. **Métodos em pesquisa social**. São Paulo: Nacional, 1979.

GOOGLE MAPS. **Lagoa do Abaeté**. 2022. Disponível em:<<https://www.google.com.br/maps/place/Lagoa+do+Abaet%C3%A9/@-12.9447651,-38.3610217,17z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x7161782f508a591:0xd1ba2f008fedf78!8m2!3d-12.9447703!4d-38.358833?hl=pt-PT>>. Acesso em: 08. Jul. 2022.

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA. **O PPA Participativo 2020-2023**. Plano Plurianual, 2020. Disponível em:<[https://www.seplan.ba.gov.br/wp-content/uploads/02PPA\\_2020-2023\\_Publicado-O\\_PPA\\_PARTICIPATIVO\\_2020\\_2023.pdf](https://www.seplan.ba.gov.br/wp-content/uploads/02PPA_2020-2023_Publicado-O_PPA_PARTICIPATIVO_2020_2023.pdf)>. Acesso em: 08. Jul. 2022.

HENRIQUES, E. B. O Centro Histórico de Dublin (Irlanda) e a experiência de reabilitação de Temple Bar. **Finisterra**, p. 47-62, 2006. Disponível em:<[https://drive.google.com/file/d/1Rt\\_8EY0LEv-Ex3czZziKonvgGb5\\_vHml/view](https://drive.google.com/file/d/1Rt_8EY0LEv-Ex3czZziKonvgGb5_vHml/view)>. Acesso em: 26 abr. 2022.

INEMA. **Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos**. 2020. Disponível em:<<http://www.inema.ba.gov.br/gestao-2/unidades-de-conservacao/apa/apa-lagoas-e-dunasdo-abaete/>>. Acesso em: 10 abr. 2022.

JORGE, E. **Passado e Presente**. As Ganhadeiras de Itapuã. Salvador: Coaxo de Sapo, 2014.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LARAIA, R. B. **Antecedentes Históricos do Conceito de Cultura** In: \_\_\_\_\_. *Cultura um Conceito Antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LEAHY, R. C. **As Ganhadeiras de Itapuã: memória e identidade em performance**. Plural Pluriel, 2015. Disponível em:<<file:///C:/Users/User/Downloads/126-%23%23default.genres.article%23%23-229-1-10-20180310.pdf>>. Acesso em: 20. Mai. 2022.

MALÊ DEBALÊ. **Salvador Da Bahia**, [s. l.], 2018. Disponível em:< <https://www.salvordabahia.com/experiencias/male-debale/>>. Acesso em: 23. Mai. 2022.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MONTEIRO, T. P. **A voz de Itapuã: Imagens do passado e visão de mudança – etnotextos de uma rede de cultura popular no Estado da Bahia, Brasil**. 1993. 660 f. Tese (PhD em História) – Universidade de Provence, Aix Marseille I, 1993.

MOTA, A. **Lagoa do Abaeté é o ponto turístico mais mal avaliado por visitantes**. Correio da Bahia, Salvador, p. 1-1, 5 ago. 2014. Disponível em:< <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/lagoa-do-abaete-e-o-ponto-turistico-mais-mal-avaliado-por-visitantes/>>. Acesso em: 23. Mai. 2022.

MUCUNA, V. **Depoimento**. [mar, 2022]. Entrevistador: Aila Conceição de Santana. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2022. 1 arquivo. Mp3 (14 min e 38s). Entrevista concedida para a pesquisa sobre a possibilidade da revitalização turística da lagoa do Abaeté em Salvador, Bahia.

MUNICÍPIO DE SALVADOR. **Lei nº 9069/2016**. Dispõe sobre o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbana do Município de Salvador – PDDU 2016 e dá outras providências. 2016. Disponível em:< <https://leismunicipais.com.br/plano-diretor-salvador-ba>>. Acesso em: 08. Jul. 2022.

OLIVEIRA, Evandro de; ALVES, Adilson Francelino. **Uma Análise Literária sobre o Conceito de Cultura**, 2015. Disponível em:< [https://www.200-Texto%20do%20artigo-802-1-10-20151224%20\(1\).pdf](https://www.200-Texto%20do%20artigo-802-1-10-20151224%20(1).pdf)>. Acesso em: 23. Mai. 2022.

OLIVEIRA, P. E *et al.* **Paleovegetação da Floresta Atlântica da Bahia: Estudos Palinológicos na Lagoa do Abaeté, Salvador, e na Lagoa Encantada, Ilhéus**, [s. l.], 2003. Disponível em:< [http://abequa.org.br/trabalhos/paleo\\_33.pdf](http://abequa.org.br/trabalhos/paleo_33.pdf)>. Acesso em: 10. Abr. 2022.

PACHECO, C. **Parque Metropolitano do Abaeté preserva patrimônio cultural, natural e religioso**. Correio da Bahia, [S. l.], p. 1-1, 18 abr. 2021. Disponível em:< <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/parque-metropolitano-do-abaete-preserva-patrimonio-cultural-natural-e-religioso/>>. Acesso em: 23. Mai. 2022.

PREFEITURA DO SALVADOR. **Plano Salvador 500**. Secretaria de Desenvolvimento e Urbanismo, Salvador, 2020. Disponível em:< <http://www.fmlf.salvador.ba.gov.br/images/planosalvador500/Cenarios.pdf>>. Acesso em: 08. Jul. 2022.

SACHS, I. Desenvolvimento e Cultura. Desenvolvimento da Cultura. Cultura do Desenvolvimento. **Revista Organizações & Sociedade**, v. 12, n.33, abr/jun 2005. Disponível em:< <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaoes/article/view/10782/7730>>. Acesso em: 30. Jun. 2022.

SANTANA, A. C. O. **Depoimento**. [jun, 2022]. Entrevistador: Aila Conceição de Santana. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2022. Questionário Eletrônico (4 questões). Entrevista concedida para a pesquisa sobre a possibilidade da revitalização turística da lagoa do Abaeté em Salvador, Bahia.

SANTIAGO, E. **Depoimento**. [maio, 2022]. Entrevistador: Aila Conceição de Santana. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2022. Questionário Eletrônico (4 questões). Entrevista concedida para a pesquisa sobre a possibilidade da revitalização turística da lagoa do Abaeté em Salvador, Bahia.

SANTOS, J. A.; PARRA FILHO, D. **Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2017.

SANTOS, J. L. **O que é Cultura**. 14°. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

SANTOS, J. **Depoimento**. [jun, 2022]. Entrevistador: Aila Conceição de Santana. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2022. Questionário Eletrônico (4 questões). Entrevista concedida para a pesquisa sobre a possibilidade da revitalização turística da lagoa do Abaeté em Salvador, Bahia.

SANTOS, M. L. L. Deambulação pelos novos mundos da arte e da cultura. **Análise social**, v. 29, n. 125/126, p. 417-439, 1994.

SILVA, P. G. **Identidade, territorialidade e ecologismo**: o caso da Lagoa do Abaeté. Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia, [s. l.], 1993. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/2122/1/CadCRH-2007-353%20Adm.pdf>. Acesso em: 20 maio 2022.

SJDHDS. **Plano Plurianual PPA 2020-2023**. Governo do Estado da Bahia, 2020. Disponível em: < [https://www.seplan.ba.gov.br/wp-content/uploads/PPA\\_2020\\_2023\\_Revisao\\_2021.pdf](https://www.seplan.ba.gov.br/wp-content/uploads/PPA_2020_2023_Revisao_2021.pdf) >. Acesso em: 08. Jul. 2022.

SOUSA, C. R. “Pertencimento/não pertencimento” Franz Kafka: um exemplo a ser lembrado. **Cultura e sociedade**, [s. l.], Estudos Avançados [online]. 2021, v. 35, n. 103, p. 63-80, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/grCFcy854YdKpL4PsXGmRzB/#:~:text=O%20conceito%20de%20%E2%80%9Cpertencimento%E2%80%9D%20pode,exacerbado%20em%20rela%C3%A7%C3%A3o%20ao%20eu>. Acesso em: 30 jun. 2022.

SOUZA, D. **Depoimento**. [jun, 2022]. Entrevistador: Aila Conceição de Santana. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2022. Questionário Eletrônico (4 questões). Entrevista concedida para a pesquisa sobre a possibilidade da revitalização turística da lagoa do Abaeté em Salvador, Bahia.

TEIXEIRA, C. S *et al*. Processo de revitalização urbana: economia criativa e design. **Revista LOGO**, [s. l.], v. 5, ed. 2, 2016. Disponível em: < [https://drive.google.com/file/d/1ShgxQj2R1mU\\_-kogEc982AjFOfdXKXAx/view](https://drive.google.com/file/d/1ShgxQj2R1mU_-kogEc982AjFOfdXKXAx/view) >. Acesso em: 29. Abr. 2022.

TEIXEIRA, S. S. **Patrimonialização, memória local, musealização e transformação social: os casos dos parques metropolitanos do abaeté e de são bartolomeu (Salvador, Bahia, Brasil)**. Orientador: Dr. João Paulo Nunes Avelãs, Dr. Carlos Etchevarne. 2014. 378 f. Tese (Museologia) - Unversidade de Coimbra, Coimbra, 2014.

YÚDICE, G. **A conveniência da cultura: usos da cultura na era global** / George Yúdice; tradução de Marie-Anne Kremer. - Belo Horizonte: Editora UFMG; 2004.

**APÊNDICE 1**  
**Roteiro de entrevista**

1. Como você enxerga a atual situação do Abaeté?
2. Para você, quais foram as possíveis causas do Abaeté chegar a esse ponto?
3. No seu ponto de vista, quais seriam as prováveis soluções?
4. Qual é o papel da cultura e do turismo para uma possível revitalização do local?